



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA – POLO SOURE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ROSANE DA CRUZ RABELO

**EDUCAÇÃO INFANTIL DO E NO CAMPO: A NATUREZA NO ENSINAR-E-
APRENDER DE CRIANÇAS MARAJOARAS**

SOURE/PA
2023

ROSANE DA CRUZ RABELO

**EDUCAÇÃO INFANTIL DO E NO CAMPO: A NATUREZA NO ENSINAR-E-
APRENDER DE CRIANÇAS MARAJOARAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia, pela Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba-Polo Soure, sob orientação da Prof.^a Dra.: Eliana Campos Pojo Toutonge.

SOURE/PA
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

R114e Rabelo, Rosane da Cruz.
Educação Infantil do e no campo : a natureza no ensinar-e-
aprender de crianças marajoaras / Rosane da Cruz Rabelo. — 2023.
62 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2023.

1. Educação Infantil do campo. 2. Crianças marajoaras. 3.
Prática educativa. 4. Natureza. I. Título.

CDD 370

ROSANE DA CRUZ RABELO

**EDUCAÇÃO INFANTIL DO E NO CAMPO: A NATUREZA NO ENSINAR-E-
APRENDER DE CRIANÇAS MARAJOARAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia, pela Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba-Polo Soure, sob orientação da Prof.^a Dra.: Eliana Campos Pojo Toutonge.

Data de aprovação: 12/12/2023

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Orientadora
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. João Paulo da Conceição Alves
Membro da banca
Universidade Federal do Pará (UFPA)

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir viver e passar por todos os obstáculos encontrados ao longo do percurso da graduação, e na realização deste trabalho.

A minha família em geral, aos meus pais, em especial a minha mãe Sonildes pelo apoio incansável e pelo incentivo nos momentos difíceis, e aos meus irmãos Renata, Renato e Roberta, por me ajudarem direta ou indiretamente e acreditarem em mim, mesmo com o meu modo de ser, aos meus sobrinhos (a) Rafaela, Isadora, Kelvyn, Kevisso, Isis.

A Prof.^a Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge, que aceitou ser minha orientadora, obrigada pela paciência, afetuosidade e incentivos durante as orientações para a pesquisa e conclusão deste trabalho, foi essencial na condução do mesmo e do aprendizado.

A todos os professores da Educação Básica, Ensino Técnico, e da Graduação pelos ensinamentos propiciados durante minha trajetória acadêmica. A minha equipe de trabalhos, juntos durante quase todo o percurso, Tayane, Ariclê, Letícia, Fernando, cada um sabe da sua importância durante esses anos e na elaboração deste TCC. A vocês o meu muito obrigada!

A todos os colegas da turma de Pedagogia 2018 Polo Soure, aos que nos últimos semestres juntos fazíamos a travessia no Rio Paracauari, de balsa e rabeta Salvaterra/Soure/Salaterra, aos companheiros de estradas cada um com destino a suas casas em Salvaterra, Bairro Alto, Joanes, Maruacá, Condeixa.

Ao meu primo Ari Rabelo e sua família, por me acolherem em sua residência na cidade de Soure nos primeiros anos do curso.

Em especial a EMEI Recreio dos Passarinhos na Comunidade Água Boa /Salvaterra, as crianças, as professoras Fernanda, Lene, Érica e demais funcionários Bianca, dona Mira, Ezequiel que mesmo tendo pouco contato, obrigada por me receberem de portas abertas, disponibilizando o necessário para o desenvolvimento da pesquisa, vocês são incríveis.

A Universidade Federal do Pará-UFPA Abaetetuba-Soure. E a todas as pessoas com as quais convivi ao longo desses anos de curso, que direta ou indiretamente me incentivaram e que certamente tiveram impacto nesse percurso cheio de aprendizados e de superações.

A todos que me ajudaram e torceram por mim, o meu MUITO OBRIGADA!

RESUMO

Este estudo versa sobre a criança e a natureza, com objetivo de investigar a prática educativa na Educação Infantil do e no campo em interface com a criança e a natureza. Dentro da abordagem qualitativa, o estudo envolveu o aprofundamento documental e bibliográfico concernente ao tema bem como foi realizada pesquisa de campo com o uso de observação, de entrevistas e do registro fotográfico. Como interlocutores contamos com as crianças de Educação Infantil, as professoras da Escola Recreio dos Passarinhos, situada na comunidade de Água Boa, município de Salvaterra-PA. Os resultados apontam que existe concretamente uma interação da criança com a natureza, assim desde antes da escola as crianças iniciam seus aprendizados ecológicos e de convivência com esta. E, talvez, impulsionado por tais práticas faz com que na escola, a continuidade desse exercício seja vivido também e relevante na aprendizagem. Ou seja, na proposta dos professores é incluído a natureza como tarefa pedagógica e da ambientação escolar, encaminhando para um desemparedamento das crianças da sala de aula. Assim, constatamos que as professoras têm uma prática de tematizar a natureza nas atividades educativas desenvolvidas dentro e fora do ambiente escolar, e as crianças apresentam uma relação orgânica e usufruem da natureza de maneira positiva.

Palavras-chave: Educação Infantil do campo; crianças marajoaras; prática educativa; natureza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Crianças brincando no quintal de sua casa.....	25
Foto 2 – Meninos tarrafeando no igarapé.....	29
Foto 3 – Crianças brincando e tomando banho na praia de Joanes.....	29
Foto 4 – EMEI Recreio dos Passarinhos.....	31
Foto 5 – Painel fixado na classe multisseriada.....	33
Foto 6 – Ilustração da história não afunde no Lixo e os símbolos da coleta seletiva.....	34
Foto 7 – Crianças brincando na canoa e tomando banho na praia.....	35
Foto 8 – Crianças na programação do Festival do Peixe na comunidade Água boa.....	37
Foto 9 – Aula temática com desenho, desenvolvida na área externa da escola.....	42
Foto 10 – Aula temática, encontro e coleta de semente das plantas.....	42
Foto 11 – Contatos das crianças com pedra, água, areia na praia de Água boa.....	43
Foto 12 – Crianças encontrando e reconhecendo argila.....	44
Foto 13 – Momento de convívio com a natureza.....	44
Desenho 1 – Natureza como abrigo.....	46
Desenho 2 – Natureza e cuidado.....	47
Desenho 3 – Natureza como espaço do brincar.....	48
Desenho 4 – Natureza como espaço do brincar.....	48
Desenho 5 – Natureza como espaço do brincar.....	49

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CF/88	Constituição Federal de 1988
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
EI	Educação Infantil
EF	Ensino Fundamental
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
PPP	Projeto Político Pedagógico
PME	Plano Municipal de Educação
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO INFANTIL DO E NO CAMPO.....	16
1.1 SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	16
1.2 ESPECIFICIDADES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO E NO CAMPO.....	20
1.2 RELAÇÃO CRIANÇA-NATUREZA E A PRÁTICA EDUCATIVA DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO E NO CAMPO	24
CAPÍTULO II - CRIANÇA E NATUREZA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	32
2.1 O CONTEXTO DA ESCOLA RECREIO DOS PASSARINHOS.....	32
2.2 A PRÁTICA EDUCATIVA NA PRÉ-ESCOLA, SOB O OLHAR DOS ADULTOS.....	40
2.2 A PRÁTICA EDUCATIVA SOB O OLHAR DAS CRIANÇAS.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICES.....	58

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como temática a relação criança e a natureza no âmbito da Educação Infantil (EI) do e no espaço do campo, acentuando suas aprendizagens fora e na escola. Partimos da visão da criança como sujeito ativo no seu processo de desenvolvimento e da natureza e amazônica dentro de uma comunidade integrante de populações tradicionais da Amazônia. Em síntese, o estudo pauta a prática educativa da escola com criança de EI e sua relação com a natureza.

Antes de adentrar mais centralmente no tema, cabe dizer da escolha por ele. Como estudante moradora do campo marajoara, sempre estive desde a infância em estreito contato com a natureza, portanto, de maneira significativa. Assim, esse contato sempre foi um tempo desafiador, gratificante e prazeroso, o que me possibilitou a noção de pertencimento com esse espaço, sou integrante do/e ambiente, a um só tempo. Então, a escolha se tornou relevante por compreender mais desse processo, sob o olhar das práticas educativas e das crianças, dimensões fortes da pedagogia.

Este trabalho assume, então, o valor da formação acadêmica no sentido de despertar reflexões em torno da pedagogia voltada para a EI. Assim como irá contribuir para refletir realidades vividas no âmbito da educação do campo, na formação como pedagoga.

Estive por este trabalho a oportunidade de observar situações reais da escola do campo e suas especificidades, e assim relacionar a teoria e a prática, a partir de um olhar investigativo e acreditar na necessidade de práticas educativas significativas para os sujeitos do campo. Fazer este trabalho olhando a realidade do campesinato amazônico foi significativo para minha formação docente, devido a relação direta com prática pedagógica em curso na escola e na ação comunitária, cujos atores principais eram as crianças.

As crianças marajoaras da comunidade Água Boa manifestam costumes, brincadeiras modos de vida com a natureza na Amazônia marajoara, lócus deste estudo. Também, o enfoque importante foi discutir a Educação Infantil do e no campo, em processos de invisibilidades e anúncios dentro de uma territorialidade específica e de muitas dimensões sociais e educacionais.

Em relação a temática em estudo sobre a EI do e no campo¹ e a natureza inserida na prática educativa, entendemos que as crianças precisam estar conectadas com a natureza dentro

¹ Do e No Campo, dizem do sentido político ao campo e dos sujeitos como sujeitos sociais de direitos e de saberes. Sendo a educação do campo ressoante desses sentidos, considerando a cultura e o modo de vida dos sujeitos.

do ambiente interno e externo das escolas e no lugar onde mora, para que haja um aprendizado desde cedo com o seu e a se reconheça como natureza e pertencente a ela.

Portanto, práticas educativas sustentáveis são bem vindas e também como uma forma de desemparedar as crianças, e conectando-as com a natureza, nesse sentido Tiriba (2010, p. 13) ressalta a necessidade de reinventar a rotina, os espaços da EI afirmando que

É necessário desconstruir a ideia e a realidade de uma vida escolar entre paredes porque não podemos correr o risco, no processo de democratização do acesso à escola, de estender a todos esse modelo nefasto, pois o sentimento de respeito à natureza está relacionado à convivência, aos laços afetivos em relação aos lugares, aos seres, às coisas, ao universo biótico e abiótico.

Como pedagoga e moradora do espaço do campo defendo a Educação Infantil do campo com valorização do espaço rural, agroecológico, portanto, estejam vinculados às práticas educativas junto de também desse ambiente amazônico, pois contribuirá em suas experiências, no conhecer e lidar com o ambiente que estão inseridos e assim construir uma afetividade para com a natureza.

Como moradora próxima da comunidade e também estudante do espaço do campo, vivi situações das quais me possibilitou falar do tema e mostrar a importância dessa discussão, em que vejo a educação do campo² enfrentando muitos obstáculos, como a falta de recursos por parte das autoridades, professores com formação inadequada aos propósitos da educação do campo e não sensíveis a realidade campesina entre outros. Outrossim, as diretrizes específicas são conhecidas, mas pouco concretizadas, embora saibamos do diferencial as crianças do campo.

A criança ambientada na Amazônia marajoara, e que estuda na Escola de Educação Infantil Recreio dos Passarinhos da comunidade de Água Boa, localizada a aproximadamente 20 quilômetros do município de Salvaterra, podemos dizer que tem o privilégio de fazer dia a dia o estreitamento com a natureza e, com base, nas práticas educativas vividas na escola e na comunidade.

Vale ressaltar que a população dessa comunidade rural é constituída majoritariamente por pescadores e pescadoras artesanais, de atividades extrativistas como a pesca, a coleta de sementes, frutos como meios de subsistência das pessoas que vivem no lugar, além de desenvolverem atividades com o turismo, agricultura familiar e artesanato. Na comunidade existe áreas naturais como dois igarapés, sendo apenas um propício ao uso para banho e atividades domésticas, praia, floresta em que permitem as crianças terem o contato com a

² Educação do Campo traduz um plano político e educacional voltado aos sujeitos do campo. Diferente, e a educação rural, que postula os interesses capitalistas ou o para o campo, portanto, não dialoga com a vida dos sujeitos que vivem no campo.

natureza desde pequenas e por processos de socialização desde a família aprendem os costumes e os modos de vida das pessoas com o ambiente natural. Nesse contexto, a Escola Recreio dos Passarinhos é um espaço de natureza e também se relaciona com os costumes, a cultura, os modos de vida das populações viventes dessa comunidade, onde realmente é presente a relação ser humano e natureza.

De acordo com Oliveira e Hage (2011) no caso do Brasil, os territórios do campo têm em comum o fato de serem espaços configurados por uma diversidade de populações, que convivem historicamente por meio de lutas e negociações, na conquista e na apropriação de seus territórios. Essa diversidade de populações, cada qual com seus modos de vida, contribuem para que cada território do campo, em meio aos aspectos gerais produzidos pela totalidade das relações capitalistas, viva singularidades que os diferencia um dos outros e dos territórios urbanos. Na comunidade, onde situa-se a escola investigada, as atividades extrativistas de subsistência são realizadas de forma grupal pela parceria familiar é o caso da pesca; por pessoas da comunidade sem visar apenas o lucro tão somente.

No âmbito da escola, a mesma se insere na Educação Infantil do campo que, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996) essa é a primeira etapa da educação básica, e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Entendemos que a existência das escolas do campo, na Amazônia, possibilita que as crianças desses territórios tenham acesso à educação escolar, entretanto, o dilema é a continuidade de currículos e pedagogias que não dialogam com os saberes e as práticas culturais das populações amazônicas, tornando essas escolas enraizadas em si mesmas e sem diálogo com a cultura, as tradições e modos de vida amazônicos.

Assim, no trabalho são enfatizados estudos que buscam afirmar os significados de criança e de infância na Amazônia, as crianças como seres natureza, optando por Pojo *et al.* (2023) que discute as especificidades das crianças pertencentes aos territórios do campo amazônico; Tiriba (2010, 2018) e Tiriba e Profice (2019) nos aspectos da criança e a natureza.

Didonet (2003, p. 97) tratando da criança e a EI, nesses termos, o autor pondera que [...] pensar na criança e sua infância:

É preciso que haja um novo olhar sobre a criança e que esse olhar a encontre como pessoa. É preciso que se fortaleça o compromisso moral e ético com essa pessoa que chegou para viver, para desfrutar da vida, para expressar e expandir a riqueza do mundo.

Os direitos da criança e as propostas de educação escolar são colocados desde a Constituição Brasileira de 1988, assim as crianças são cidadãs de direito, e a escuta de seus desejos e necessidades bem como seus saberes e sua cultura própria corresponde a um princípio democrático. O compromisso com as interações e as brincadeiras com a natureza seria decorrente dessa escuta e implicaria em uma pedagogia do desemparedamento, conforme propõe Tiriba (2018). Assim,

Nessa ultrapassagem, a alegria é potencializada porque, para desemparedar, é preciso dialogar com as pessoas, com os movimentos sociais, com o patrimônio ambiental, elementos do entorno da escola e da cidade que, ao vivo, deixam de ser objeto de pesquisa em separado do pesquisador - paisagem investigativa abstrata - para se constituírem como espaço de vida cuja decifração exige não apenas a racionalidade, mas outras dimensões humanas (Tiriba, 2018, p. 10).

Nesse contexto, igualmente a autora, defendemos o valor da interação criança e natureza³ nos espaços e nas práticas da educação infantil se faz com vivências amorosas, para com a natureza para que possam tratá-la e aprender dessa amorosidade, pois há sentimentos com o mundo natural, há atitudes ambientais fundamentais à sustentabilidade do planeta, o que a autora defende como papel da escola desde a infância sob as perspectiva do que chama de desemparedamento dos espaços educativos, de uma pedagogia às crianças que as coloque em contato vivo com o ambiente e os elementos da natureza.

Nesta ótica de contexto, vimos também a criança como sujeito que aprende de forma empírica, por experiências e pelo contato com a natureza, e dessa forma elas desenvolvam habilidades, vivenciem uma infância saudável, o acesso livre aos espaços naturais e sociais, como vimos acontecendo na Escola Recreio dos Passarinhos, na medida em que estão buscando um aprender-e-ensinar ativo.

E, não se trata apenas de questões relacionadas à saúde física, mas também estimular a criatividade, a curiosidade, a atenção, a percepção entre outras funções cognitivas e socioculturais. A perspectiva é de um bem viver a todos, e desde criança possa se reconhecer seu valor na sociedade como sujeitos de seus direitos.

Mais do tema e da pesquisa

Criança e Natureza é um binário atual e urgente, do ponto de vista da vida no planeta, portanto, associada a um processo educativo. Pois, atualmente vivemos o impacto das ações

³ Criança-e-natureza diz de uma vertente eminentemente histórica, logo essa relação natureza-criança situa-se dentro das condições de vida dos sujeitos sejam de contexto urbano ou do campo, os quais precisam ter esse direito garantido, com o vier desfrutando de um ambiente ecológico.

humanas sob a natureza, o que já vem sendo tratado desde a ECO-92 que apontou políticas educacionais que visavam a Educação Ambiental e a Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Também, é notório que as crianças têm pouco contato com ambientes e elementos da natureza como espaços de floresta, lagos, manguezais, igarapés entre outros, sobretudo em áreas bastante urbanizadas. Essa realidade é distinta para as crianças moradoras da comunidade Água Boa, onde realizei a pesquisa, como frisamos ao longo do texto.

Em termos das instituições de ensino há também o afastamento das crianças do contato com a natureza, justificado pela indisciplina das crianças e o ambiente ser perigoso, sem contar que poucas escolas comportam espaços abertos e mais naturais, diferente das escolas do campo que ficam envoltas de uma determinada natureza, embora, muitas vezes, seja pouco aproveitado pelos envolvidos. Portanto, é necessário refletir sobre práticas educativas e a discussão da natureza por/com/para de crianças.

Como síntese, o estudo traz como reflexão a relação criança e natureza na EI do campo, fruto da experiência da Amazonia Marajoara – na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Recanto dos Passarinhos que está localizada na Vila de Água Boa em Salvaterra no Arquipélago do Marajó-PA. Nossa questão de pesquisa foi a seguinte: Que práticas educativas estão em curso envolvendo a relação criança e natureza na Educação Infantil do e no campo?

Nesse sentido, para responder a problemática desta pesquisa, elencamos como objetivo geral: Investigar a prática educativa na Educação Infantil do e no campo em interface com a criança e natureza na escola Recreio dos Passarinhos, na comunidade de Água Boa, município de Salvaterra.

Como desdobramento do estudo, percorremos os seguintes objetivos específicos: Discutir as especificidades da Educação Infantil do e no campo e descrever como se dá a prática educativa na turma de pré-escola no que diz respeito a relação criança e natureza.

Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa com o intuito de mapear a realidade das crianças com a natureza, levando em conta as práticas educativas das professoras de uma escola do campo em uma turma de pré-escola. Esta abordagem foi embasada nos estudos de Lüdke e André (1986) que afirmam que nessa abordagem há necessidade da imersão ao ambiente natural como fonte direta para obtenção de dados e tem no pesquisador seu principal instrumento de busca de informações. Conforme Minayo (2012), a pesquisa qualitativa visa desvelar certos processos sociais em busca de melhor compreender determinado tema ou assunto, tal abordagem nos permitiu ter uma aproximação

com o nosso objeto de pesquisa, o qual trata das práticas educativas na escola Recreio dos Passarinhos, levando em conta a relação criança e natureza.

Visando aprofundar o tema, além do estudo bibliográfico e que para sua construção foi necessário fazer levantamento documental, bibliográfico tratando da EI, EI do campo, e das crianças e a natureza. Tivemos como autores principais os estudos de Pojo *et al.* (2023) no âmbito das crianças amazônidas, Tiriba (2010, 2018, 2019) tratando crianças e a natureza levando em conta o desemparedamento da infância, Hage (2010) com a Educação do Campo na Amazônia, Didonet (2001, 2003) acerca da Educação Infantil, Freitas (2019) sobre a realidade e desafios da EI do campo na Amazônia paraense e Silva (2010) com foco nas orientações curriculares para a EI do Campo.

Na parte documental, realizamos leituras dos seguintes documentos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em vigor, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Plano Municipal de Educação de Salvaterra e o Plano Curricular de Educação do Estado do Pará, mais o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. A partir desses documentos foi possível identificar informações pontuais acerca da EI envolvendo princípios, fundamentos e procedimentos que orientam as instituições.

Houve, o trabalho de campo na referida escola e na comunidade, e por meio de observações, entrevistas com crianças e educadores, mais registros fotográficos e desenhos de cinco crianças fomos captando os dados, as informações, mapeando as práticas das crianças e das professoras. Tais processos alimentaram a análise e a discussão da temática. Esse caminho metodológico centrou na realidade e permitiu ter uma visão mais abrangente do tema, o convívio da criança com a natureza, em termos educativos e culturais.

A observação segundo Gil (2008) é um instrumento de coleta de dados que necessita, primeiramente, ser controlada e sistemática para que se torne um mecanismo válido de investigação científica. Para tanto, foi feito um roteiro de observação para orientar o trabalho de campo na comunidade e na escola. Na escola, estivemos durante o período de três semanas, precisamente entre os dias 18/09 a 13/10 do ano em curso, considerando o funcionamento da escola.

O lócus do estudo foi a Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Recreio dos Passarinhos, situada na área rural do município de Salvaterra, no Marajó. Sendo que a pesquisa se ateve tão somente a turma pré 1 e pré 2 que se configura como uma turma multisseriada, com crianças na faixa etária de 04 a 05 anos de idade, mapeando a aprendizagem das crianças sobre a natureza.

Dessa forma, os sujeitos interlocutores da pesquisa foram as crianças da turma multisseriada acima mencionada, pontualmente em estreito diálogo com cinco delas, além das duas professoras sendo uma, a docente desta turma e, a outra, responsável da instituição de ensino pela Secretaria Municipal de Educação de Salvaterra (SEMED), com todas, crianças e educadoras, houve o tempo do aceite de suas participações na pesquisa. As entrevistas assim como a observação seguiu um roteiro (em anexo).

As cinco crianças foram envolvidas mais diretamente com base nas observações, e levou-se em consideração as que chegavam mais cedo, e era aproveitado o tempo e sua interação conosco, embora ao iniciarmos nos deparamos com olhares desconfiados, mas também foi perceptível seus interesses e curiosidade quanto a sua participação. Outras, ficaram um pouco retraídas, mas com o tempo tudo foi ficando tranquilo e correspondente. As entrevistas aconteceram nos primeiros momentos da aula, das crianças com suas chegadas no ambiente escolar. As entrevistas com as professoras ocorreram em dias e momentos contrários aos de aula, e no final das atividades.

Além dos instrumentos, técnicas e procedimentos elencados, também foi utilizado o registro fotográfico, por meio de uma câmera de celular, para o registro do cotidiano da escola em suas rotinas e, pontualmente, as práticas educativas; as crianças na escola e na comunidade. Este meio foi relevante para a pesquisa, pois serviu para captar os processos em forma de gestos das crianças, da professora, as paisagens da natureza, sendo útil aos moldes do que Brandão (2004, p. 4) nos adverte “[...] a fotografia entre nós é não apenas um exercício de “mostrar como é”, mas também o de desvelar e fixar uma face visível, imaginada e ordenadamente dada a ser vista de algum cenário onde algo acontece, de um momento do acontecer deste algo [...]. Buscamos com as fotografias mostrar o cotidiano educativo e cultural em interface com nosso filtro, os ambientes, a escola, os modos de estabelecer relações com a natureza e as crianças nesse processo, o que também pôde ser expresso nas fotografias e, em situações contextuais no trabalho.

A produção dos desenhos compôs o momento das observações, ou seja, em que as crianças se empenharam e produziram suas representações acerca da natureza, envolvendo o lugar onde moram, suas brincadeiras, o que fazem no cotidiano. Convém mencionar que o desenho é uma forma criativa da criança expressar a percepção dos ambientes em que vivem, além de um desenho expressar ainda, ideias, sentimentos, descobertas, podendo revelar conceitos (Goldberg; Yunes; Freitas, 2005).

O presente trabalho está estruturado da seguinte maneira. A introdução, apresenta os aspectos gerais da pesquisa com os elementos que a compõem. Ainda, mais dois capítulos,

sendo o primeiro com o título “Educação Infantil do e no Campo”, desmembrando em aspectos da EI, da Educação do campo e da EI do campo no país, e com atenção especial aos territórios do campo amazônico e marajoara⁴. No capítulo II, com o título “Criança e Natureza no Ambiente Escolar”, contempla subitens que situa os resultados da pesquisa com ênfase a natureza e as práticas educativas sob o olhar dos adultos e das crianças inseridas na EI da Escola de Educação Infantil Recreio dos Passarinhos. Finaliza-se o trabalho, com as Considerações Finais.

⁴ Território marajoara diz respeito ao espaço amazônico da ilha de Marajó, especialmente de ancestralidade com a presença de populações tradicionais. Na educação escolar, este dita saberes e processos locais no âmbito curricular e pedagógico.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO INFANTIL DO E NO CAMPO

Neste capítulo são enfatizadas reflexões sobre a Educação Infantil do campo, dando enfoque as territorialidades amazônicas, o que perpassa observar as crianças idealizadas no contexto nacional, a Constituição Federal de 1988. Portanto, a criança é concebida como sujeito de direito, e dessa forma é garantida a sua matrícula nos sistemas de ensino. Logo, este capítulo tem como foco a Educação Infantil do e no Campo na Amazônia Marajoara, no que diz respeito as suas especificidades e a importância da natureza no currículo das crianças no sentido das práticas educativas que valorizem essa dimensão. Ainda, perspectivar o que estamos chamando a relação criança-natureza na Educação Infantil do campo, em uma perspectiva marajoara.

1.1 SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A Educação Infantil (EI), como primeira etapa da educação básica é recente e em luta para assegurar sua finalidade e uma concepção mais alargada, precisamente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/1996. Até então, entre as décadas de 1920 e 1930, no Brasil, as escolas que ofereciam EI concebiam essa etapa de ensino para o cuidado das crianças que eram inseridas nesse espaço, pois seus pais precisavam deixá-las para assim poderem trabalhar. Hoje, esta etapa de ensino, não tem mais a função assistencialista, ao contrário, pretende assegurar o cuidar e educar das crianças pequenas, além de ser reconhecida como um direito da criança da família e é dever do Estado (Brasil, 2006). Logo, pressupõe um momento de continuidade de aprendizagem e de desenvolvimento nos seus variados aspectos ainda nos primeiros anos de vida.

Muito tem se discutido sobre a importância da EI para o desenvolvimento de crianças e como política para efetivação de direito desses sujeitos, de acordo com Didonet (2003, p. 83) “o cuidado e a educação da criança, nos primeiros anos de vida, exercem influência decisiva sobre toda aprendizagem e desenvolvimento posteriores”. Nesse contexto, Didonet (2001, p. 25) analisa alguns aspectos sobre as propostas de educação para primeira infância e sua importância as crianças nessa etapa afirmando que:

Essa instituição está aí para encher de sentido à vida da criança- captar e realizar a fusão do imaginário de seus pais como criança real que se constrói como sujeito, único, com um lugar na história, está aí para oferecer-lhe um ambiente de experiência, para ela construir sua identidade e tornar-se realmente o que pode ser.

Portanto, a Educação Infantil (EI) é vista como possibilidade de um ambiente que promova ações que contribuam para que as crianças cresçam e se desenvolvam na sua integralidade, desde que esse processo seja significativo e de respeito das crianças pequenas.

Como documentos oficiais decorrente da LDB e da CF/88, tivemos o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Brasil, 2009), com caráter mandatório. Tais documentos compõem o todo e consta, inclusive, na Resolução nº 1 de 7 de abril de 1999, a qual no seu art. 2º “essas Diretrizes constituem-se na doutrina sobre princípios, fundamentos e procedimentos da Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que orientarão as instituições de Educação Infantil dos sistemas Brasileiros de Ensino na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas” (Brasil, 2006, p.13).

Outra alteração que impactou a EI, foi a lei Nº 11.274 de fevereiro de 2006, que veio determinar a obrigatoriedade do ensino fundamental de nove anos, sendo compulsória a matrícula das crianças com seis anos de idade no primeiro ano do ensino fundamental. E o nível da educação infantil passou a ser obrigatória para crianças de 0 a 5 anos. Este nível tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A EI comporta sua oferta em espaços educativos como creches e demais instituições de ensino que tendem a seguir modelos pedagógicos e até estruturais configurados para o Ensino Fundamental. Geralmente, as crianças pequenas estão envoltas em muros, salas quentes, ambientes com poucas ou sem áreas verdes que oportunizem as crianças o contato direto com elementos naturais. Assim, o objeto desse estudo abarca questões entre o espaço de EI, as práticas educativas e o saber da natureza pelas crianças, especialmente tratando da EI do campo na Amazônia marajoara (cidade de Salvaterra), cuja territorialidade é diversa e os sujeitos mantêm práticas e costumes em estreito vínculo com a natureza mestra e anciã. Também, sabemos as crianças do campo ainda tem o privilégio de terem esses espaços com áreas verdes, ambientes naturais.

Na Amazônia paraense a oferta da Educação Infantil pública enfrenta velhos problemas e comuns as outras partes do Brasil, dentre eles estão: a precarização e adaptação dos espaços, falta de materiais pedagógicos para as atividades dos professores, transporte escolar inadequado às crianças, além da falta de alimentação escolar suficiente e saudável. Portanto, esses problemas contribuem para uma condição insatisfatória de educação pública no cenário nacional. Freitas *et al.* (2019) aponta alguns dados acerca da precarização da EI na Amazônia paraense, em que as escolas do campo chegam a fechar devido problemas urgentes. Os autores

destacam ainda que as do campo a precarização é ainda mais gritante quando se compara com as das do centro das cidades, assim [...] “nos últimos 15 anos, entre 2000 e 2015 foram fechadas 110.873 escolas em todo o Brasil, entre as quais 35.432 urbanas e 75.441 rurais. E, no estado do Pará nesse mesmo período, foram fechadas 5.355 mil escolas, sendo 944 urbanas e 4.411 no campo” (Freitas *et al.*, 2019, p. 778).

Em contrapartida os últimos anos, se vive um processo de revisão de concepções sobre a educação de crianças, o que tem fortalecido a implementação de políticas educacionais que mediam a efetivação de propostas curriculares condizentes com essa revisão dos preceitos das DCNEIs, a qual define criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2010, p. 12).

Portanto, a criança é concebida como um sujeito histórico e de direitos, que deve ser respeitada nas suas relações sociais, e se relacionar com a natureza. É através dessa concepção que também as DCNEIs definem que o currículo da EI em práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças em atenção aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

De acordo com as DCNEI as práticas pedagógicas devem ser pautadas nos eixos interações e as brincadeiras, bem como são princípios do ensino: éticos, políticos e estéticos que buscam nortear a produção do conhecimento nas instituições de EI por meio das suas propostas pedagógicas, além disso, essas propostas devem garantir que as instituições de educação cumpram integralmente sua função sociopolítica e pedagógica, e ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à integração com outras crianças.

No que diz respeito a formação de docentes para atuar neste nível é exigido a graduação plena em Pedagogia ou com especializações afins que atenda essa etapa de ensino, e precisam estar em contínuo aprendizado para contribuir diretamente em sua tarefa no que diz respeito as crianças pequenas.

Em 2018, é homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em consonância com a DCNEI, assegura à criança o direito a conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se passando a organizar o currículo por campos de experiência (Brasil, 2018).

Sobre essa base, nos baseamos nos estudos de Chizzote e Silva (2018), ao afirmar que a BNCC não surge a partir de uma necessidade local, brasileira, mas de uma imposição de organismos internacionais bem como essa proposta curricular padronizada não garante que as crianças tenham contato no ambiente escolar com os próprios saberes de suas comunidades, assim nosso estudo não toma como base essa questão como central. Ao contrário, consideramos valoroso partir da heterogeneidade da região amazônica, com as múltiplas peculiaridades que caracteriza as escolas do campo em face de suas localizações territoriais, conforme sinalizam Hage e Barros (2010).

Kramer (2006) ao refletir as políticas educacionais para Educação Infantil no Brasil argumenta que para consolidar o direito e ampliar a oferta com qualidade, muitos desafios colocam-se, dentre eles a ausência de financiamento e a organização dos sistemas municipais; a necessidade de que as políticas públicas de educação infantil sejam articuladas com políticas sociais; a formação dos profissionais da Educação Infantil.

Cabe dizer ainda que a nível de Educação Infantil do Campo a complexa relação entre diferentes políticas públicas e a diversidade de infância vividas pelas crianças de 0 a 5 anos que residem em áreas rurais do país, nos exige pensar uma política efetiva e de qualidade (Brasil, 2014).

Em Salvaterra, na ilha de Marajó, a EI é ofertada sob a organização por período que corresponde a idade da criança, sendo a seguinte enturmação: maternal para crianças de três anos, Pré-escola I para crianças de 4 anos, e Pré-escola II para crianças até 05 anos. Esse tipo de oferta acontece no espaço urbano e nos espaços rurais, esses últimos correspondem aos territórios do campo, quilombolas, ribeirinhos e de fazendas. Não há a oferta de creche em tempo integral, tão somente em período parcial respeitando as especificidades de cada comunidade.

Com base nos dados do Censo Escolar do ano de 2022, o município de Salvaterra atende 932 crianças que estão matriculadas nas escolas de EI. Sendo que das 49 escolas que tem no município 37 atendem a pré-escola, são 46 da rede municipal atendendo Ensino Fundamental e EI, mas tem escolas que atendem especificamente só a EI, com destaque que algumas situadas no campo trabalham com turmas multisseriadas⁵.

Salvaterra tem populações do campo destacando os povos quilombolas, os roceiros, extrativistas, moradores de fazendas, pescadores artesanais, e a política educacional voltada

⁵ Nessa organização de ensino há baixo número de alunos na escola e em cada ano de ensino, ainda a carência de professores devido os deslocamentos e os acessos para se chegar sem contar que muitos desses trabalham em mais de uma escola. Nessa forma, conta-se, ainda, com a falta de apoio da rede de ensino.

para o campo é bastante controversa, que não condiz com a realidade porque ainda não é radicalmente comprometida com as necessidades e produções locais. E as escolas pertencentes a essas comunidades se situam próximas dos espaços dos rios, igarapés, praias, dessa maneira os saberes e costumes são de uma riqueza ímpar sem contar com as outras particularidades.

1.2 ESPECIFICIDADES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO E NO CAMPO

Precisamente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, a modalidade de Educação básica do campo, no art.28 toca em adaptações necessárias às peculiaridades da vida no campo e de cada região, definindo-se orientações para três aspectos essenciais à organização da ação pedagógica.

1. Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos estudantes da zona rural;
2. Organização escolar própria incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
3. Adequação à natureza do trabalho na zona rural.

A legislação educacional a nível nacional referenda um tipo de educação do campo, alicerçada pelo movimento de lutas sociais e sindicais do campo, nesse sentido é traduzida como uma “concepção político pedagógica, voltada para dinamizar a ligação dos seres humanos com a produção das condições de existência social, na relação com a terra e o meio ambiente, os diversos saberes, a memória coletiva” (Brasil, 2002, p. 1). Tem um significado que “incorpora os povos e o espaço da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, os pescadores, caiçaras, ribeirinhos, quilombolas, indígenas e extrativistas” (Brasil, 2001, p. 1).

Por outro lado, as crianças do campo também têm suas especificidades e modos próprios de ver e agir no mundo, o meio em que vivem propicia o contato maior com o ambiente natural, o que se constitui um diferencial. Silva e Pasuch (2010, p. 1) justificam a pluralidade em que concerne as crianças do campo:

[...] falamos no plural, em **crianças do campo**, porque são diversas as crianças brasileiras e porque também é diverso o nosso campo. Na relação com espaços e tempos que caracterizam o campo brasileiro, as crianças vivenciam suas infâncias imersas em seus grupos culturais e constroem, com adultos e outras crianças, sua autoestima e suas identidades pessoais e coletivas. Sabemos que as crianças brincam, imaginam e fantasiam, sentem o mundo por meio do corpo, dos cheiros, texturas e sons, constroem sentidos sobre seus lugares e sobre si mesmas.

Ainda, no tocante as especificidades entramos no âmbito da Amazônia paraense, só que no aspecto da educação escolar, que segundo Hage (2010, p. 357), prevalece o “[...] modelo de escola seriada urbanocêntrica. [...] Dessa forma, nesse modelo de escola, desde a pré-escola, os

estudantes são preparados para os níveis posteriores de ensino e a meta final é a inserção no mercado de trabalho, não importando os demais aspectos necessários a uma formação humana integral”.

O que defendemos é uma escola do campo que considere a biodiversidade existente em espaços rurais da Amazônia, o que realmente contribuiria para o desenvolvimento integral das crianças do campo, e experimentam outros saberes e práticas que muitas vezes são deixados apartados dos saberes escolares. O Documento Curricular do estado do Pará considera as crianças de EI:

[...] como sujeitos históricos e de direitos, com uma vivência primeira na sua cultura e sociedade, cabendo à escola harmonizar, criar e recriar seus saberes e vivências, considerando o que ela já sabe e visando seus potenciais (Documento do Estado do Pará, 2019, p. 22).

Dando visibilidade a especificidade da Amazônia paraense esse documento abarca como dimensão de EI e da Criança do campo, das Águas e Florestas, considerando que essas crianças vivem em:

conformidade com os costumes que perfizeram e perfazem a configuração de suas culturas; enfim, das condições sociais e históricas de produção de trabalho envolvendo o rio, a terra, o ar, as plantas, as palhas, a mata. Essas as crianças do Campo participam ativamente como sujeitos construtores das culturas, assim como são construídas por elas, dialeticamente” (Documento Curricular do Estado do Pará, 2019, p. 34).

Este documento reconhece que ainda tem muito o que avançar no que diz respeito a qualidade das instituições escolares e precisamente na EI. O que também é dito por Freitas *et al* (2019, p. 783), assim “no âmbito das políticas públicas e de sua gestão, os desafios e os caminhos ainda estão distantes do desejável, e os desdobramentos dessa situação na concretização das propostas pedagógica são muito significativos”. Os autores assim explicam como exemplo:

As constantes mudanças/rotatividade de profissionais que atuam na gestão dos sistemas educacionais nos municípios, situação que prejudica o avanço na elaboração/implementação daquelas propostas construídas com educadores e com as comunidades que já haviam sido encaminhadas e acabam por ser engavetadas por discordâncias políticas de orientação partidária ou por divergências sobre a concepção do trabalho educativo a ser efetivado com crianças de 0 a 5 anos (Freitas *et al* 2019, p. 783-784).

Nos territórios amazônicos seus brinquedos e brincadeiras se realizam e se misturam aos elementos da biodiversidade social e ecológica da região amazônica. Tem a possibilidade de se relacionar e interagir com a natureza desde bem pequenos. Nesse contexto, trazemos as concepções de Pojo *et al.* (2023) para corroborar para o entendimento sobre especificidades das crianças pertencentes aos territórios do campo na Amazônia:

As crianças são sujeitos sociais que estão ávidos a nos dizer, a partir de suas diferentes linguagens e jeitos, sobre o que, onde e como vivem, sobre suas visões de mundo do qual são parte. Outrossim, elas têm especificidades que precisam ser respeitadas, consideradas. Experienciam o mundo e se apropriam dele a partir das suas práticas cotidianas, desenvolvendo maneiras diferentes de dialogar com esse universo de coisas, de um jeito singular e próprio (Pojo *et al.*, 2023, p. 55).

As crianças de Salvaterra cada uma é única, e no que se refere aos modos de vida, saberes, incentivos educacionais, as crianças do campo têm a seu favor o que os espaços sociais/naturais oferecem.

Precisamente, na escola onde foi realizado a investigação o cotidiano se dá com a hora da chegada, acolhida, informes sobre o horário da saída, aviso para os pais sobre alguma atividade a ser desenvolvida. As crianças fazem o percurso em bicicletas, motos, carros ou a pé, acompanhadas de seus pais ou familiares, mas há as que vem sozinhas devido morarem próximo da escola.

As crianças dessa escola mantêm contato com ambientes naturais que vai desde a convivência com seus pais em suas atividades de subsistência: agricultura, pesca, coleta e colheita de semente e frutas entre outras, passando por práticas lúdicas e brincantes como andar de bicicleta, correr na rua, subir nas árvores, em suma, exploram a natureza observando macacos, e na escola participam de aula de campo e passeiam em torno da escola.

Durante o tempo da pesquisa constatou-se que as professoras junto da escola desenvolvem atividades que valorizam os saberes e costumes das crianças. Um exemplo, foi a troca com as crianças com base nas plantas, sobre suas características e uso na alimentação, na saúde em uma das aulas.

Logo, se faz necessário pensar nas propostas didáticas e metodologias a serem efetivada para as crianças que vivem nesses territórios com espaços diversos, naturais e socialmente rico de saberes, fazeres e experiências, respeitando seus modos de vida e sua relação com a natureza.

Nesse sentido, a DCNEI (2009) no tocante as crianças do campo, diz que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil as crianças filhas de agricultores familiares extrativista, pescadores artesanais, ribeirinhos assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, povos da floresta, devem:

- ✓ Reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais;
- ✓ Ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis;
- ✓ Flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças quanto à atividade econômica dessas populações;
- ✓ Valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural;
- ✓ Prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade.

Para se efetivar a EI nos territórios e comunidades do campo se faz necessário reconhecer todas essas características e necessidades das crianças. Desse modo, os gestores das políticas “precisam promover ações para melhor conhecimento dessa realidade, bem como investir na formulação e implementação de projetos pedagógicos, tendo em consideração a diversidade do campo brasileiro” (Brasil, 2014, p. 20).

Hage (2011) ao discutir sobre educação do campo faz uma crítica ao modelo educacional pautado na seriação, referenciado pela visão urbanocêntrica de mundo, que predomina e é hegemônica na sociedade brasileira e até mundial. Essa visão apresenta o espaço urbano como o lugar de possibilidades, modernização e desenvolvimento, acesso à tecnologia, à saúde, à educação de qualidade e ao bem-estar das pessoas, e o meio rural como o lugar de atraso, miséria, ignorância e não desenvolvimento.

O autor, argumenta ainda que muitos sujeitos do campo e da cidade acreditam que o modelo seriado urbano de ensino deve ser a referência de educação de qualidade para o campo e para a cidade e que sua implantação seja a única solução para superar o fracasso dos estudantes nas escolas rurais multisseriadas, realidade vista nesse estudo.

Sobre as escolas rurais multisseriadas, Arroyo (2010) afirma:

Uma primeira lição: as escolas multisseriadas merecem outros olhares. Predominam imaginários extremamente negativos a ser desconstruídos: a escola multisseriada pensada na pré-história de nosso sistema escolar; vista como distante do paradigma curricular moderno, urbano, seriado; vista como distante do padrão de qualidade pelos resultados nas avaliações, pela baixa qualificação dos professores, pela falta de condições materiais e didáticas, pela complexidade do exercício da docência em classes multisseriadas, pelo atraso da formação escolar do sujeito do campo em comparação com aquele da cidade (Arroyo, 2010, p. 10).

Portanto, este autor aponta para a necessidade de desmitificar os imaginários negativos acerca da escola multisseriada.

O Plano Municipal de Educação (PME) do Município de Salvaterra, que integra a escola lócus da pesquisa, em sua redação afirma que “A educação do campo tem características e necessidades próprias para aluno do campo em seu espaço cultural, sem abrir mão de sua pluralidade como fonte de conhecimento em diversas áreas” (PME de Salvaterra, 2015-2025, p. 50)

Nesse sentido, a educação do campo diante das múltiplas territorialidades presentes na Amazônia, prescinde também de diferentes concepções pedagógicas, estas postas a formação de educadores/as na lógica da sustentabilidade, do desenvolvimento social e político, da relação com a natureza, do fortalecimento da agricultura familiar e do bem viver como necessárias ao

processo curricular, pedagógico e de interlocução família-escola. Como direcionamento para se olhar as necessidades e potenciais das crianças que vivem nas territorialidades amazônicas⁶ (Neves e Brasileiro, 2020). O Plano Municipal de Educação do Município de Salvaterra em relação a educação do campo traz como finalidade:

A finalidade da educação do campo, portanto, é oferecer uma educação escolar específica associada à produção da vida, do conhecimento e da cultura do campo e desenvolver ações coletivas com a comunidade escolar numa perspectiva de qualificar o processo de ensino aprendizagem (PME de Salvaterra, 2015-2025, p. 50-51).

Tratando do contexto e das territorialidades amazônicas não se trata apenas da possibilidade de permitir a interação das crianças com a natureza, mas de um currículo cuja prática educativa incorpore horizontal e pela vivência das crianças o “campo”, como potência, como diálogo dos saberes e com práticas culturais dos povos. Trazemos para o estudo as reflexões feitas por Paulo Freire no sentido de “que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e florestas” (FREIRE, 2000, p. 67). Para o autor, é dialogando, problematizando a realidade dos educandos que emergirá uma consciência crítica, na medida em que a educação se torne uma prática de liberdade.

A territorialidade amazônica diz do encantamento e da experiência com o lugar, que coloca a ideia do pertencer, do fazer parte, como um processo de entrelaçamento à natureza, construindo e vivendo as cores e contornos do que é a Amazônia; ou melhor, do que são as territorialidades amazônicas, construídas e produzidas nessa intensa e complexa relação entre práticas espaciais e os processos relacionais entre o humano-natureza (Neves e Brasileiro, 2020).

1.3 RELAÇÃO CRIANÇA-NATUREZA E A PRÁTICA EDUCATIVA DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO E NO CAMPO

Nas últimas décadas, as políticas educacionais vêm situando questões ambientais e a natureza fundamentalmente a partir da ideia de Educação Ambiental, motivadas por proposições dadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO). A Eco-Rio 92, por exemplo, no início da década de 1990 passa a agenciar ideias sobre desenvolvimento sustentável dando enfoque as

⁶ Territorialidades amazônicas, na dinâmica das faces vividas, agidas e de poder- são fenômenos sociais que envolvem indivíduos que fazem parte do mesmo grupo e de grupos distintos. Há continuidade e descontinuidade nos tempos e nos espaços (Neves e Brasileiro, 2020, p. 22).

ações e políticas educacionais. Esses documentos passaram orientar as propostas curriculares no Brasil, além disso, desencadeou políticas específicas de Educação Ambiental em espaços escolares, abrindo mais ainda a possibilidade de as escolas proporcionarem as crianças o convívio e o contato com a natureza.

Nesse sentido, o estudo proposto versa sob a perspectiva da natureza em estreito diálogo com a materialidade amazônica marajoara, precisamente da comunidade Água Boa, onde fica situada a escola de EI Recreio dos Passarinhos. Nesse sentido, buscamos ancoragem na ideia de um bem viver trazida para este estudo a partir das afirmações Ailton Krenak (2020, p. 8) que afirma “bem viver não é definitivamente ter uma vida folgada, o bem viver pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver” ou seja, nessa ideia seres humanos e a natureza vivem uma relação de reciprocidade, em que a natureza é vista como sujeito e não como objeto submetida aos interesses do mercado.

Na comunidade de Água Boa, território lócus dessa pesquisa, apesar da inserção de aspectos urbanos, ela é constituída essencialmente por estradas de terra, grandes terrenos arborizados com árvores nativas como bacurizeiros, mangabeiras, coqueiros, muricizeiros, cajueiros, mangueiras que possibilitam as crianças subirem nos seus troncos, equilibrarem-se nos galhos, reconhecerem frutas e gostarem de brincar de colher e plantar, jeitos e saberes que fazem parte do seu dia a dia.

Na comunidade é possível ver uma paisagem natural de praia, igarapés, floresta, além de espaços sociais como campo de futebol e a hospitalidade dos moradores. Precisamente, no espaço da praia vemos pequenas embarcações e a pesca artesanal acontecendo com os pescadores que na sua chegada à beira da praia passam a vender os peixes por preços acessíveis, outros trazem apenas para refeição de sua família, outros nada.

Ainda, nesta comunidade além dos espaços citados, conta com um posto de Saúde, o abastecimento de água e algumas pousadas para visitantes (turistas). Os terrenos alguns planos, outros com elevações, são de chão de terra, gramado e arborizados; as ruas de chão de terra, areia e piçarra, mas há também ruas asfaltadas. As casas são a maioria de alvenaria e de acordo com a situação financeira dos moradores, poucas são de madeira e de barro.

Para se chegar nesta comunidade o acesso pode ser pelo mar ou terrestre em rua asfaltada e estrada de terra e piçarra. É uma comunidade que frequenta visitantes, devido ter uma praia, nela há barracas cobertas de palhas, restaurantes e o constante fluxo de gente o ano

inteiro. Seu maior atrativo é a praia e o igarapé chamados de praia e igarapé da água boa⁷ que ficam próximos das barracas, além da sombra das árvores.

As crianças que residem nessa comunidade têm um contato peculiar com todo esse ambiente natural e social, elas jogam bola num campinho de terra, os pais costumam levá-las para brincar e tomar banho na praia e no igarapé, elas apanham frutas direto das árvores, brincam nos quintais existentes em suas casas, exercitam-se no cuidar das plantas e dos animais, ficam por vezes esperando seus pais chegarem da pesca, acompanham suas mães na coleta de sementes e frutas, participam de programações culturais que acontecem na comunidade etc.

A seguir, exponho três imagens de crianças brincando no quintal de sua casa, registradas na comunidade de água boa, a imagem do lado direito as crianças estão limpando o espaço para fazerem uma casa com um pedaço de tábua, uma porta de geladeira, mais uma ponte com pedaços de ferro. As demais imagens do lado esquerdo, em uma delas elas colocaram o pedaço de tábua representando a frente da casa e um dos meninos está desentortando os pedaços de ferro para montar a ponte para poder chegar até ela, enquanto, a outra imagem a menina está em posição de que chegou correndo para participar da brincadeira. Tais descrições de suas ações inventivas foram dadas pelas crianças quando foi perguntado sobre o que faziam em tom brincante.

Foto 1 - Crianças brincando no quintal de sua casa na Comunidade de Água Boa



Fonte: Acervo da autora (2023).

⁷ Tais denominações são referidos pelos moradores.

Na comunidade, as famílias atuam no extrativismo com a coleta de sementes e frutas, a pesca artesanal como fontes principais do sustento, além dessas produções também abastecerem o mercado local. Fazem com uma profunda relação com a natureza.

Corroborando com as afirmações de Krenak (2019), Tiriba (2010) afirma que “na origem da crise moral e espiritual de nossos dias, está uma falsa premissa de separação radical entre seres humanos e natureza e a ilusão antropocêntrica de que todos os seres e entes não humanos nos pertencem porque somos uma espécie superior” (Tiriba, 2010, p. 02). Sob esta perspectiva desenvolvimentista, as escolas passam a transmitir às crianças uma visão do planeta como fonte inesgotável de recursos, assumindo a natureza como simples matéria-prima morta para a produção de mercadorias, de usufruto tão somente pelos seres humanos.

Na sociedade globalizada em que os espaços urbanizados concentram grandes números populacionais e cujos modos de vida colocam as pessoas em menos contato com a natureza e maior contato com as tecnologias, o que reverbera nas crianças pequenas, bem como as escolas galgam padrões arquitetônicos que não possibilitam esse contato. As escolas do campo desse município se inclinam, umas mais e outras menos, a incluir nas práticas educativas o lidar com natureza, inserindo os ambientes externos e com áreas verdes das escolas (quintal). E como moradoras frequentam praças com alguns poucos brinquedos confeccionados de madeira e às vezes quebrados.

Ainda, em comunidades rurais na Amazônia se mantêm modos de vida em que a natureza tem seu lugar na prática cultural das pessoas, porém nem sempre reflete nas práticas e fazeres escolares mesmo em escolas do campo. Em relação algumas práticas culturais nessas comunidades e sobre não serem inseridas nos processos educativos escolares, Pojo e Silva (2023) comentam:

Essa interação/relação afetiva com a terra, com as águas do rio ou igarapé, o contato com a chuva e a poeira, são partes do cotidiano das crianças pertencentes a esse contexto campesino. Interessante seria, se os adultos pudessem partilhar dessa visão de mundo em relação à natureza vivenciada pelas crianças de maneira plena, elas se veem como parte do meio natural, usufruem e absorvem os aspectos mais simples que, muitas vezes, passam despercebidos pelos adultos e, principalmente, pelos processos educativos escolares (Pojo; Silva, 2023, p. 06-07).

E situando esta pesquisa, convém dizer que na Amazônia Marajoara⁸ muitas escolas do campo estão localizadas próximas a igarapés, praias ou envolta da mata, ou seja, se por um lado convive, tais escolas e as crianças, com a precariedade estrutural e até pedagógica, por outro lado há o dispositivo potencial da comunidade, do território e do saber das crianças que entre

⁸ O termo foi problematizado por Agenor Sarraf Pacheco (2012, p. 20) utilizando para dizer das peculiaridades como a de vários Marajós ou Marajó das Florestas e Marajó dos Campos.

outros aspectos, está o convívio com os animais, as árvores, a água, a areia, a praia, os quintais, numa relação estreita entre espaços, elementos, paisagens, seres humanos e não humanos. Nesses territórios os modos de vida, as tradições, os costumes são mantidos através das práticas culturais herdadas de antigos povos que habitaram esses territórios dentre eles populações tradicionais como quilombolas, rural, indígenas, ribeirinhas, pescadores artesanais, extrativistas. As crianças da comunidade de Água Boa praticam atividades como a coleta de sementes, caroços e frutas, plantam, colhem.

Uma proposta de EI ao proporcionar o contato da criança com a natureza também está colaborando com a sua condição integral, pois está ativando/colaborando no provimento de habilidades importantes, como a criatividade, paciência, empatia indispensáveis em relação ao seu convívio familiar, social, individual e de aprendizagem a partir da natureza e da natureza amazônica.

A natureza da escola de EI Recreio dos Passarinhos apresenta-se com um ambiente aberto e de chão de terra e de grama, no seu entorno possui mato, uma estrada estreita em que as pessoas da comunidade transitam, algumas árvores frutíferas, os pássaros e seus cantos, macacos pulando em galhos das árvores, reinos de saúva (formigas), além do barulho da maré pois a praia fica a alguns metros da escola. Ainda, avistamos colmeia e casa de cupim, folhas e frutos caídos no chão, as casas dos moradores e comércios nas ruas de terra e asfaltada, a caixa d'água, quintais abertos com plantações e ou outros só mato.

Krenak (2019) ao tratar de uma cosmovisão dos povos da floresta, afirma que a natureza é dita como anciã e sujeito, que ensina valores essenciais aos seres humanos, bem como os rios, os lagos, os igarapés são pessoas/seres. Para evidenciar essa concepção, o autor faz a seguinte afirmativa:

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (Krenak, 2019, p. 21).

Segundo o autor, todos os seres habitantes desse planeta terra são seres e comunicáveis, e dessa forma a própria natureza é um ser de riqueza ímpar, em uma dimensão subjetiva e aprendente, relacionada com os humanos. À escola cabe, então, possibilitar experiências educativas que permitam o contato da criança com a natureza, o que segundo Tiriba (2010):

[...] a vivência de outras relações de produção e de consumo que possibilitarão as crianças se constituírem como seres não antropocêntricos, ou seja, que saibam cuidar de si, dos outros, da terra. E resistam ao consumismo que destrói e desperdiça o que a natureza oferece a todos os seres vivos como dádiva (Tiriba, 2010, p. 5).

Logo, uma criança que vai aprendendo desde cedo, que ela é parte da natureza e não proprietária dela, bem como experimentando ações ambientais, ecológicas e relacionais, terá condições de ter uma relação de reciprocidade e respeito com o todo do planeta: as coisas, os elementos naturais, a natureza e o ambiente inteiro, aprenderá exercitando práticas em prol da manutenção da vida de todos. Desse modo, a conexão com a natureza também é parte do currículo escolar, o qual incentiva, dessa forma, “a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, indagação e conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza” conforme é citado na DCNEI (art. 9º, VIII).

A proposta de educação com e pela natureza na Educação Infantil é defendida por Tiriba como uma proposta de desemparedamento da infância como transgressão pedagógica, em que a alegria é potencializada porque, para desemparedar, é preciso dialogar com as pessoas, com os movimentos sociais, com o patrimônio ambiental, com o natural do entorno da escola para se constituírem como espaço de vida vai além da racionalidade, assume outras dimensões humanas (Tiriba, 2018).

Na Amazônia marajoara, as práticas culturais com a natureza estão presentes em práticas como a pesca artesanal, essa atividade foi/é transmitida de geração em geração e a produção de saberes próprios, tais como orientar-se pelo sol, pelas estrelas, fases da lua, usar a rede de pesca, como iscar os anzóis, como pilotar o leme, amarrar as boias, horário da maré, maré de lance, hora de colocar canoa para a beira, tecer matapi, jogar tarrafa. Como já dito, as crianças mediante a diversidade amazônica mantêm contato com a natureza exercitando vivências de nadar ou brincar nas águas dos rios, das praias, igarapés, frequentam os quintais e a floresta, além de conviver com o trabalho de seus pais e familiares. Nesse aspecto, as duas imagens (fotos 2 e 3) demonstram esse tipo de contato com a natureza, são de meninos na pesca de tarrafa que fazem no igarapé do limão e crianças num banho brincante nas águas da praia de Joanes. Esses espaços, o igarapé e a praia, ficam localizados na comunidade de Joanes no município, e ficam os espaços próximos da comunidade lócus da pesquisa.

Foto 1 - Meninos tarrafeando no igarapé



Fonte: Paulo Ribeiro (2023).

Foto 3 - Crianças brincando e tomando banho na Praia de Joanes



Fonte: Acervo da autora (2023).

Vale ressaltar que esses saberes e outros pouco ou nada são incluídos nos dispositivos curriculares, embora, por vezes, estejam nas narrativas, nas contações de histórias, nos desenhos expressados pelas crianças. É nesse contexto, que a natureza pode se tornar prática e estratégia educativa, podendo assim potencializar as experiências das crianças frente aos saberes e as práticas culturais vivenciadas na comunidade.

Em Salvaterra, sobretudo, nas escolas do campo as práticas educativas têm todo um arsenal cultural, paisagístico, de espaços naturais e de saberes das crianças que podem ser

potencializadores para o direito à natureza na EI, e dessa forma possibilitar o desenvolvimento integral das crianças, pautado em narrativas e saberes desses sujeitos e todo um olhar cuidadoso e atento da escola e dos professores.

Neste capítulo, enfatizamos a EI, a Educação do campo e a EI do campo em termos normativos a nível Brasil, e com base nos territórios do campo na Amazônia paraense e no território marajoara a partir de documento curricular do Estado do Pará, do plano municipal de educação e de produções bibliográficas, além de tocarmos em aspectos conceituais. Foi discutido a relação criança-natureza em seus aspectos culturais e sociais na instituição de ensino e na comunidade em que vivem as crianças sujeitos integrantes da pesquisa.

CAPÍTULO II

CRIANÇA E NATUREZA NO AMBIENTE ESCOLAR

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito da Escola Municipal de Educação Infantil Recreio dos Passarinhos localizada na vila de Água Boa em Salvaterra, Pará. Assim, buscamos descrever como se dá as práticas educativas com e na natureza dos espaços e com crianças de EI. Para isso, utilizou-se de observações, entrevistas, desenhos, visando a análise das questões que envolveram o objeto em estudo.

2.1 O CONTEXTO DA ESCOLA RECREIO DOS PASSARINHOS

Foto 4 - EMEI Recreio dos Passarinhos



Fonte: Acervo da autora (2023).

A escola Recreio dos Passarinhos foi inaugurada no ano de 1979, funcionando em um espaço de barro e madeira que pertencia ao Clube União de Água Boa, nesta época foi chamada de Casulo e atendia os alunos com a oferta de cursos também para os adultos como pintura, costura, hortas, conforme consta no documento intitulado de Projeto Político Pedagógico (PPP). O nome Recreio dos Passarinhos segundo relatos de moradores da comunidade se deu pelo grande número de pássaros que circulavam/circulam ao redor da escola com seus cantos encantadores, e que associavam as crianças como passarinhos alegres e ativos com tantos outros encantos também.

O Clube União de Água Boa tem outra presidência, visto o fundador não se encontra mais vivo, e atualmente a relação do Clube União com a escola se dá pela cedência do prédio para o município ofertar a EI, e também com a contribuição na limpeza do espaço. Nesse sentido, da parte do município responsabiliza-se com a parte pedagógica e pagamento dos funcionários. Então, a relação do Clube com a escola se dá desde a fundação do casulo, e a atual presidência relatou que tem sonhos para a escola, pois percebe que o espaço pode ser revitalizado para as crianças da comunidade com parquinho, balanços. Para ela a escola é patrimônio histórico da comunidade.

Vale ressaltar que não mantinha contato com a escola, praticamente a desconhecia, só ouvia falar a respeito, embora por ser moradora próxima dessa comunidade imaginava com um espaço simples, acolhedor, contagiante, tanto em relação ao ambiente quanto em relação as crianças, seus pais, e profissionais de educação. Ou seja, a minha relação com a escola começou a partir da pesquisa para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Já com a comunidade de Água Boa desde a minha infância tenho contato, sempre foi frequente junto com familiares fazer caminhadas ou pedalar de bicicleta por uma estrada que liga a comunidade de Joanes onde moro e essa comunidade. Nesse trajeto, passávamos por uma ponte de madeira, ou íamos por uma estrada em propriedade particular ou ainda pela praia, seguíamos rumo ao banho de igarapé, juntar miris, apanhar jurus, participar das programações culturais como o festival do peixe, o mastro e o círio de São Pedro, as festas juninas. Ainda hoje pratico um pouco desse contato fronteiro entre as duas comunidades (Joanes e Água Boa). Disso tudo, percebo as mudanças territoriais, ambientais e sociais em ambas as comunidades, principalmente na infraestrutura no tocante ao abastecimento de água, saúde, hospedagem entre outros.

Voltemos a escola Recreio dos Passarinhos, a qual continua funcionando no mesmo terreno cedido pelo Clube União, entretanto, atualmente mantém convênio com a prefeitura através da Secretaria Municipal de Educação do município de Salvaterra (SEMED) e oferta a EI, funciona com duas salas de aula com turma do maternal e a multissérie que atende pré 1 e pré 2, num total de 28 crianças atendidas em 2023, cujas crianças são moradoras da comunidade e de localidades próximas.

Nesse ano o funcionamento está sendo realizado somente no turno da manhã, pelo baixo número de crianças matriculadas, o que implicou na formação da turma em caráter de turma multisseriada (Pré I e Pré II) e da turma do maternal, diferente de anos anteriores que funcionou a escola nos dois turnos manhã e tarde. As professoras que atuam como regentes e como

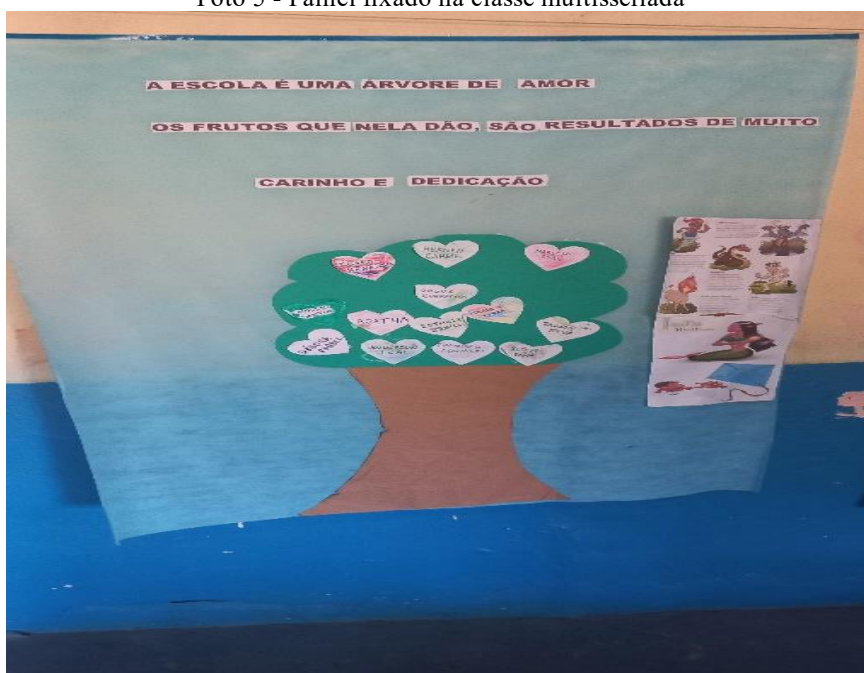
responsável da escola, duas não moram na comunidade e uma é moradora da comunidade de Água Boa.

Atualmente, a escola tem o total de 06 funcionários, sendo 01 responsável pela escola, 02 professoras, 02 serventes e 01 vigia. Estruturalmente possui um pavimento com 02 salas de aula, 01 cozinha, 01 refeitório, 01 banheiro, espaço externo coberto (pátio), área aberta arborizada, com sombra e iluminação do sol. A escola ainda apresenta alguns aparelhos tecnológicos que auxiliam no desenvolvimento das atividades pedagógicas e administrativas da escola sendo 01 computador e 01 impressora a qual é mantida também pela contribuição das docentes.

As salas de aula são pequenas, tem janelas onde as crianças conseguem observar o espaço externo, com a luz natural que entra pelas portas e janelas, dispõe de mesas e cadeiras adequadas as crianças, nas paredes papeis colados com nomes, números pintados por elas, letras e animais correspondentes a elas, painel com desenho em EVA com os nomes das crianças com dizer em cima: A escola é uma árvore de amor, os frutos que nela dão são resultados de muito carinho e dedicação. Outra ilustração anuncia os dizeres de uma história “não afunde no lixo” com símbolos da coleta seletiva.

A seguir duas imagens apresentam as ilustrações colocadas na parede da sala de aula, essas ilustrações também evidenciam a importância dada à natureza nas práticas educativas dessa instituição, é o caso da frase comparando a escola a uma árvore e seus frutos que devem ser tratados com amor e dedicação, além da preocupação com as questões ambientais evidenciadas pelo acúmulo de resíduos sólidos.

Foto 5 - Painel fixado na classe multisseriada



Fonte: Acervo da autora (2023).

Foto 6 - Ilustração da história: Não Afunde no Lixo e os símbolos da Coleta Seletiva



Fonte: Acervo da autora (2023).

Para o estudo foram duas professoras entrevistadas, dessas uma atua com a turma multisseriada a nível de EI e, a outra, atua como responsável da escola. A professora que atua em sala de aula possui formação em Licenciatura Plena em Pedagogia – IFPA, especialização inclusiva em andamento, já atua na docência faz 14 anos e 10 meses em escolas do espaço rural e urbano bem como na EI, EF e Coordenação Pedagógica. A outra professora que atua como responsável da escola. Tem formação em Licenciatura plena em Pedagogia – UEPA, especializações em Gestão Escolar e EI – Faculdade Dom Alberto, Docência Penitenciária – UNIFAP, e possui 07 anos de atuação em escolas do espaço rural (2 escolas). Embora, como vimos, suas formações não abarquem a EI do campo, percebo que elas conseguem articular suas práticas educativas com o que propõe os documentos legais da EI, considerando seus olhares as especificidades das crianças e da comunidade em que a escola está inserida.

Ainda, contextualizando a realidade escolar e a história dessa instituição, no seu PPP consta que:

A Escola tem uma longa história, porém com poucos registros escritos, mas com uma rica documentação fotográfica. No início a instituição era chamada de “Casulo” funcionando apenas com uma sala de Barro, a presença da comunidade era muito evidente as mães participavam de oficinas de costuras, construção de hortas comunitárias e os alunos participavam de oficinas de pinturas (PPP da escola Recreio dos Passarinhos, 2022, p. 9).

Como consta no documento a instituição teve como objetivo original a formação profissional de jovens e adultos da vila de pescadores, e atualmente situa-se no princípio educativo da educação ribeirinha, no sentido de que “a sua grande maioria precisa do mar como principal fonte de sustento, ou seja, a pesca é a atividade econômica predominante. Além de ser uma vila turística por possuir uma linda praia e igarapés e paisagens naturais que vem movimentando o comércio local” (PPP da Escola Recreio dos Passarinhos, 2022, p. 11). Pinheiro (2009, p. 166), ao descrever a relação de populações amazônicas com as águas descreve:

Águas que lhes do seu movimento de enchente e várzea. Águas que lhes ensinam sobre os mais variados tipos de pescado. Águas que lhes ensinam da vida, mas também da morte. Águas que higieniza o corpo, mas suja a alma do homem, que mata a vida das águas indiscriminadamente, sem controle. Águas que lhes ensinam que podem no percurso da vida, remar contra ou a favor da maré. Água que lhes dão lição de gratuidade, dando-lhe gratuitamente o alimento de cada dia. águas que lhes ensinam mitos e lendas: da mãe d’água, do boto, da cobra grande, da matinta pereira. Ensina-lhes, que crianças e adolescentes ribeirinhos precisam: nadar, brincar, cuidar, respeitar, preservar e temer pela sua vida e dos outros.

É possível perceber que o mar é território dos moradores e parte da natureza, no qual é temática da proposta pedagógica da escola, pois é ele que fornece alimentação e a fonte de renda dos moradores. Para as crianças que residem na comunidade o mar é um ambiente atrativo para práticas lúdicas, brincantes e de convívio com a água ou com as canoas aportadas ou até mesmo na companhia de familiares na prática da pesca ou um simples passeio na praia. Abaixo mais uma imagem de crianças tomando banho e brincando na canoa.

Foto 7 - Crianças brincando na canoa e tomando banho na praia



Fonte: Paulo Ribeiro (2023).

Em termos de paisagem e dinâmicas sustentáveis, acontece na escola a produção de materiais educativos com materiais recicláveis (papelão, tampinha de garrafa, copos, garrafa pet etc.), também existe algumas mudas de plantas, o cultivo de uma pequena horta cujos

cuidadores e parceiros da natureza são alunos e funcionários. Da horta o que é colhido utiliza-se na merenda. Ainda, se desenvolve atividades de confecção de placas de madeiras focando na preservação do ambiente, que são colocadas em pontos da comunidade. Mas, as crianças experimentam-se no preparo do lanche com frutas regionais, além das muitas conversas sobre coleta seletiva. São ações com as mãos e com o sentimento, é o caso da relação da escola com os moradores da comunidade, exemplo, são as programações participadas com todos e a colaboração na limpeza, além de darem boas ideias à escola.

Em relação ao cuidado e zelo com as crianças os profissionais da escola têm a preocupação em receber as crianças com ambiente limpo e aconchegante, embora atualmente o banheiro não esteja adequado as crianças e dispõe de apenas um para atender a todos.

Para Pojo e Vilhena (2016) em se tratando de contexto ribeirinho, o viés ambiental no currículo é inerente e condição de uma prática educativa alicerçada no contexto, posto esta relação ser de dependência com o ambiente natural e suas práticas sociais engendradas na natureza como um todo, assim:

Nessas comunidades, o ambiente natural, aqui entendido como o rio, a terra, a floresta, é a própria vida ribeirinha, posto ser dessas fontes que as famílias tiram a subsistência para viver. O entorno ambiental é o contexto agregador da comunidade, seu constituinte natural e social. Logo, não podemos imaginar a ausência da importante questão ambiental do currículo escolar (Pojo; Vilhena, 2016, p. 11).

Dessa maneira, pode-se afirmar que nas comunidades rurais da Amazonia como a vila de Água Boa trabalhar as questões ambientais assume importância redobrada pois a vida nessas comunidades é também vivida na natureza e seus elementos o que se torna fundamental para a existência de suas populações. Em diversas dimensões as pessoas estão conectadas com esse ambiente, as crianças se conectam com a natureza pela sua corporeidade, não é à toa que andam descalças, sobem e se balançam nas árvores, correm e caminham nos quintais e ruas, brincam nos quintais, elas criam e recriam significados sua identidade de sujeito amazônica sendo também natureza.

Além, da vida pesqueira e da diversão na praia, na comunidade os moradores ainda preservam algumas tradições populares típicas como o levante do Mastro de São Pedro, praticam o Festival do peixe, cuja força dessas tradições refletem no âmbito escolar, iniciando porque a pedagogia ditada pela escola oportuniza as crianças participarem desses rituais, principalmente na programação do Festival do peixe que acontece no último final de semana do mês de setembro. Nesses termos, a instituição é convidada a participar e todos os profissionais são envolvidos e as crianças apresentam a dança dos e aos pescadores, somado a exposição de desenhos produzidos por elas. A próxima imagem, são crianças segurando remo,

estaca, rede entre outros, durante uma participação nesse evento que comentamos, o festival do peixe.

Foto 8 – Crianças na programação do Festival do Peixe na comunidade Água Boa



Fonte: Acervo da autora (2023).

Ao ser questionada sobre a participação das famílias da vila nas atividades pertinentes, em entrevista a responsável ressalta que a comunidade é muito participativa e que contribuem significativamente em vários aspectos, na limpeza, pintura da escola, acompanhamento nas atividades dentro e fora da escola entre outros. Para confirmar o que foi ressaltado segue a fala da responsável em entrevista quando lhe foi perguntado sobre a participação das famílias das crianças na escola:

Felizmente a gente tem uma participação muito boa da família, assim, nosso prédio é bem pequeno você pode perceber que está precisando de muitas reformas, a gente acabou encobrindo algumas coisas porque as salas estão pintadinhas, mas por trás dessa tinta precisa de uma reforma, e a família ela é muito participativa em tudo, limpeza do quintal, atividades das crianças, reuniões (Professora Enilene, entrevista realizada em 2023).

A fala da professora Enilene revela o cotidiano das relações da escola bem como a questão estrutural da mesma, em que a comunidade tem uma relação de ajudar na manutenção do espaço, e nesse sentido as famílias acabam fornecendo materiais e recursos para a manutenção da limpeza, pintura. Diz a professora que a comunidade também colabora complementando a alimentação escolar por meio de frutas, sucos entre outros.

Segundo essa professora parte da alimentação escolar é oferecida pela prefeitura municipal através do Plano Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), as remessas são repassadas mensalmente, entretanto, segundo professora Enilene o que é fornecido não é o suficiente para suprir 30 dias. Em relação ao tipo de alimentação fornecida eles recebem polpa de fruta, macarrão, feijão, arroz, leite, carne moída, açúcar e biscoitos. Sobre a qualidade da merenda oferecida para as crianças, Enilene afirma:

A gente fala que infelizmente a gente sabe ainda tem muita carência enquanto às políticas públicas voltadas a merenda escolar, mas não romantizando, não poderia, mas a gente sempre faz um esforço principalmente pela educação e o bem-estar deles também (Professora Enilene, entrevista realizada em 2023).

Durante o período de observação pude constatar que os alimentos mais oferecidos as crianças foram mingau de arroz, de tapioca, biscoitos acompanhados de suco, cozido de carne com verduras em que as professoras levavam de suas casas para complementar a alimentação, elas afirmam que recebem das famílias alimentos como suco de fruta natural, frutas para oferecer as crianças pois como já dito somente o que a escola recebe não é suficiente. Essa cooperação acontece por cultivarem alguns plantios em suas casas, porque juntam e apanham frutas de seus quintais (caju, manga, mangaba, acerola).

O PPP da escola se situa também na BNCC, salientando proporcionar práticas pedagógicas norteadas por eixos estruturantes por meio dos quais a criança observa, questiona, levanta hipóteses, faz julgamentos e assimila valores; ampliar as experiências e conhecimentos das crianças articulando aqueles trazidos de casa aos definidos para cada ano escolar, desenvolvendo habilidades que consolidarão novas aprendizagens. A mesma professora descreve como o currículo está estruturado, assim:

O currículo da instituição é pensado para a escola do campo, a gente tem esse olhar, nossa necessidade campesina, mas também os alunos precisam conhecer uma realidade do espaço urbano, porque eles não vão ficar presos aqui, então a gente tem essa preocupação.

Sua afirmação sobre o currículo é na direção de atividades interdisciplinares, com conteúdos significativos às crianças como as plantas e insetos, proporcionando que elas procurassem os insetos nos troncos, coletassem folhas das árvores que estavam caídas no chão para fazerem a colagem no desenho de uma árvore, além de proporcionar o contato com a areia, pedra, conhecimento do que tem na cidade através de ilustrações de Bancos, Hospitais, farmácias, mesmo com turma multisseriada a professora da turma consegue fazer a articulação entre as idades e conhecimentos diferentes.

Em se tratando de turma multisseriada a professora Enilene responsável da escola, durante a entrevista afirma que:

A multissérie ainda existe, ela ainda é uma dificuldade, mas a gente sabe que não é uma realidade aqui só do marajó, é uma realidade da Amazônia. Atualmente a multissérie aqui na escola é o pré 1 e o pré 2, sem dificuldades extrema, a professora ela consegue conciliar os temas visto que a gente está trabalhando com a BNCC que é o documento base nacional. Então, dá pra fazer essa interligação, porém tem um momento que precisa ter um olhar voltado só pro pré 2 e um olhar menor para o pré 1, então a professora procura conciliar os conhecimentos com a habilidade que ela está trabalhando, com os campos de experiências sempre relacionando de maneira que não prejudique e os dois conseguem acompanhar as atividades. De vez em quando dá uma “freiadinha”, pra gente não evoluir muito porque ano que vem vão ter que repetir de novo o pré 2 e aquilo acaba ficando repetitivo pra eles (Professora Enilene, entrevista realizada em 2023).

A fala da professora Enilene ressalta a dificuldade de atuar na multissérie da turma de EI, embora diga que a professora da turma multisseriesada consegue lidar com essa realidade e acaba deixando as crianças em aprendizado satisfatório. Nesse sentido, a escola Recreio dos Passarinhos de acordo com seu PPP, busca respeitar a singularidade de cada criança, a sua infância, ouvir e entender em suas necessidades e condições sociais, hábitos e costumes. A escola entende que existe infâncias, ou seja, realidades diferentes.

2.2 A PRÁTICA EDUCATIVA NA PRÉ-ESCOLA, SOB O OLHAR DOS ADULTOS

Através das entrevistas com duas professoras da instituição, ocorreram individualmente e no âmbito escolar, obedecendo o caráter ético da pesquisa científica, e nesse sentido após discutir os objetivos e a condução da mesma, foi usado os nomes reais das professoras a partir de autorização das mesmas. As entrevistas foram momentos de diálogos sobre a visão delas sobre a natureza e como esse tema encontra-se nas suas práticas educativas na escola.

Nesse sentido, os estudos de Tiriba (2010, p. 6), contribuem para trazer o entendimento de natureza concebido neste estudo como sendo “a natureza é a força ativa que criou e que conserva a ordem natural de tudo quanto existe. É a própria vida, criadora de todos os seres que constituem o Universo”. Nessa perspectiva, a natureza é tudo aquilo que está presente no cosmo, compõe-se assim de tudo que se encontra no universo, como o mar, o rio, igarapés, a floresta, as plantas, as árvores, os animais, os seres humanos, esses podem viver a partir dos recursos para sua subsistência.

Assim, este trabalho entende que é importante valorizar os conhecimentos e os sentidos dados à natureza pelos povos e populações tradicionais, o que no caso da comunidade de Água Boa trata-se de uma comunidade de pescadores artesanais, de extrativistas e de agricultores, que usam para sua subsistência os produtos que a natureza ainda oferece no ambiente. Krenak (2019) traz reflexões sobre o dilema vivido por esses povos ao afirmar que:

O dilema político que ficou para as nossas comunidades que sobreviveram ao século XX é ainda hoje precisar disputar os últimos redutos onde a natureza é próspera, onde podemos suprir as nossas necessidades alimentares e de moradia, e onde sobrevivem os modos que cada uma dessas pequenas sociedades tem de se manter no tempo, dando conta de si mesmas sem criar uma dependência excessiva do Estado (Krenak, 2019, p. 21).

Segundo Krenak a natureza é de sobrevivência da vida, e a influência humana grita para manter seus modos de vida. Essa cosmovisão dos povos da floresta em que a natureza é parte de sua existência é como um corpo ou outro ser humano, essa afirmação é constada na seguinte afirmação de Krenak (2020):

Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do Planeta Terra. É maravilhoso, porque, ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele. Então é uma troca mesmo, de verdade. Não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar equalizado com o corpo da Terra, viver, com inteligência, nesse organismo que também é inteligente, fazendo essa dança, que já me referi a ela como uma dança cósmica (Krenak, 2020, p. 13-14).

Ou seja, ser vivo, as coisas, outros e o organismo que é a natureza, são todos sujeitos.

É a partir dessa visão do autor e dos demais que buscamos refletir sobre a relação dos adultos com a natureza, em especial os adultos docentes no ambiente escolar investigado.

A professora Fernanda ao ser questionada sobre sua relação com a natureza, ela assim descreve:

A minha relação com a natureza é uma relação importante, porque eu dependo da natureza. Todos nós dependemos da natureza, a gente depende das plantas, porque as vezes a gente as utiliza como remédios pra nossa saúde, precisa da água que é elemento da natureza e um dos principais porque tá no nosso corpo, como sabemos nosso corpo a maior parte é composto por água. A gente depende dos animais porque eles servem de alimento pra nossa sobrevivência, então, eu dependo da natureza e essa é minha relação de bem-estar, de cuidado visto que procuro cuidar do meio ambiente. Antes de morar na cidade mesmo eu morava no campo, morava na comunidade quilombola de Bairro Alto, e morava próximo ao rio Mapiturutuba, era uma casa na beira do rio (Professora Fernanda, entrevista realizada em 2023).

A professora fala da sua vivência, da relação que estabelece com a natureza, e como remanescente de uma comunidade quilombola nessa região ela considera que da natureza abarca moradia, cura pelo uso de plantas e das ervas medicinais, alimenta os seres com vários elementos. Diz de uma relação de reciprocidade em que a natureza oferece recurso para o seu bem viver e ela retribui com cuidado e preservação desses recursos.

Esta professora também enfatizou sobre sua prática educativa e como procura envolver o tema da natureza em sala com as crianças:

A gente procura explorar o meio ambiente, buscar essa vivência com os alunos, pois eles têm contato com as árvores, animais, os elementos da natureza como a pedra, a água, os seres vivos e os seres não vivos que são encontrados na natureza. Além do cuidado que devemos ter no sentido de que eles precisam dela e, por isso, devem cuidar para que eles sejam cidadãos conscientes e se sensibilizem desde pequenos. Se eles perceberem a importância da natureza desde cedo e conhecerem o que tem na natureza, mais tarde eles vão ter essa noção de cuidado, porque vai servir pra vida

deles, tudo que tem natureza serve pra nós seres humanos, e infelizmente a gente não tem essa consciência e acaba com tudo o que tem por causa do capitalismo às vezes até da ganância (Professora Fernanda, entrevista realizada em 2023).

Como vemos, a professora tem clareza da importância da natureza nas práticas e vida de todos os seres, ela acredita que a valorização é essencial para proporcionar um aprendizado mais significativo às crianças dessa comunidade. Já que os seres humanos sobrevivem a partir do que ela oferece. Em se tratando da prática educativa na escola a professora Enilene comenta a respeito de como são realizadas com e na natureza e como entende a natureza como prática educativa:

Como tenho contato bem direto com as salas, com os alunos, as professoras elas trabalham muito essa relação de meio ambiente, natureza, atividades de campo, estavam trabalhando com resíduos orgânicos, usaram alimentos orgânicos pra incluir na alimentação e os alunos tem essa necessidade, eles são muitos curiosos por natureza as crianças, então incentivar, instigar desde o início é fundamental, as práticas são práticas diárias, atividade de campo, pesquisa própria mesmo, projetos até mesmo feiras entre outros, historinhas contadas e pesquisa. A natureza como prática educativa eu entendo por ser uma escola do campo, tem o currículo específico da escola do campo, tem que ver a nossa realidade de acordo com as diretrizes e a gente percebe que tem essa questão da natureza é muito o foco, então que eu entendo que a natureza é o nosso laboratório, porque aqui a gente tem um espaço muito bom e a gente sabe que o ensino ele precisa ser significativo para nossas crianças. Então por ter essa realidade de natureza do campo mesmo, a natureza tá totalmente ligada ao ensino e aprendizagem eficaz, a gente tem que aprender a usar isso a nosso favor que o ensino se torna mais significativo para nossos alunos (Professora Enilene, entrevista realizada em 2023).

Nessa direção do que traz as professoras, em usar o ambiente natural e os elementos que o compõem nas práticas educativas para com as crianças, as autoras Tiriba; Profice (2019) tratam da educação escolar para crianças afirmando que:

Do ponto de vista legal, é dever das escolas incorporar a seus projetos político-pedagógicos a escuta dos desejos infantis de conexão, assim como, oferecer espaços e tempos para a expressão da atração inata das crianças pelo universo natural. Essa atração, alimentada pelos educadores, em sua maioria mulheres, além de potencializar seu desenvolvimento, contribuiria para uma percepção de si como seres que são parte deste universo e, portanto, aumentaria a sua capacidade de agir em defesa dele (Tiriba; Profice, 2019, p. 11).

Portanto, promover o contato das crianças com a natureza em espaços educativos da EI de forma livre, prazerosa e colaborativa, pode contribuir para formar sujeitos que se compreendem como parte da natureza, portanto adquirindo a capacidade de defendê-la pois sua existência é a sua própria existência.

Na Escola Recreio dos Passarinhos são desenvolvidas com as crianças, tanto em ambientes internos, as salas de aulas, quanto externamente, no quintal da escola, práticas educativas considerando a produção do saber das crianças por meio de desenho, colagem, pintura, além de aulas passeios, caminhada pela praia, igarapé, trilha pela mata, oportunizando-

as contatos com os elementos que o compõe o que a natureza desse lugar oferece. Para demonstrar isso, algumas imagens dessas atividades são dispostas a seguir.

Foto 9 - Aula temática com desenho desenvolvida na área externa



Fonte: Acervo da autora (2023).

Foto 10 - Aula temática, encontro e coleta de semente das Plantas



Fonte: Acervo da autora (2023).

Especialmente, no que concerne as aulas passeio e caminhadas matinais na praia, são orientadas pelas docentes das turmas do maternal, pré 1 e pré 2, e pela responsável que acompanha as crianças nas atividades junto as professoras, com supervisão e o cuidado para que as crianças não se machuquem ou qualquer outro contratempo ruim, principalmente a vigilância com a presença de arraias que se enterram na areia nas partes mais rasas. Convém ressaltar que esse saber veio de um dos pescadores da comunidade que conhece bem do assunto, e são repassadas para as crianças bem como as docentes. Em relação a importância da EI proporcionar atividades que visem o desemparedamento das práticas educativas escolares, o que Tiriba (2010) assim argumenta:

[...] precisamos afirmar a importância de as crianças desfrutarem de um ambiente bonito, arejado, iluminado pelo sol, que ofereça conforto térmico, acústico e visual. Mais que isso, entendendo que as crianças são seres da natureza, é necessário repensar e transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas de atividades (Tiriba, 2010, p. 6).

Nesse contexto, a ideia é desemparedar a prática educativa, e assim proporcionar as crianças momentos de descoberta, investigações, conhecimentos, criação, aumentando a relação com e na natureza.

Durante as atividades na escola Recreio dos Passarinhos, as crianças são envolvidas no reconhecimento de elementos naturais como argila, pedra, água, plantas, folhas, sementes, raízes, que podem ser utilizados para uso com o corpo inteiro, além da vivência com cerâmicas, louças, objetos decorativos e crustáceos na alimentação. As imagens a seguir tratam disso, atividades fora da sala de aula, durante aula passeio.

Foto 11 - Contato das crianças com pedra, água, areia na Praia da Água Boa



Fonte: Acervo da autora (2023).

Foto 12 - Crianças encontrando e reconhecendo argila



Fonte: Acervo da autora (2023).

Pelas observações realizadas na escola foi possível constatar que durante as atividades desenvolvidas fora da sala de aula, as crianças ficavam mais alegres, curiosas, companheiras, atentas ao que podiam encontrar, que podiam explorar o ambiente correndo, pulando, caminhando na estrada ou na praia, e com cuidado para não se machucarem, conforme constam nas imagens que seguem, são crianças de EI em momentos com a natureza em caminhada em torno da escola.

Foto23 - Momento de convívio com a natureza



Fonte: Acervo da autora (2023).

Sob o olhar dos adultos na EI em momentos de práticas educativas, podemos notar atividades, os espaços, as crianças e adultos ocupando o ambiente escolar e o extraescolar em sintonia, cujo exercício é de desemparedar, de pensar e agir com a mãe terra, com as águas e com a paisagem amazônica. Um olhar cuidadoso, investigativo, planejado, e relacional com todos e tudo.

2.2 A PRÁTICA EDUCATIVA SOB O OLHAR DAS CRIANÇAS

Daqui em diante, trazemos o que a criança entende e como se relaciona com a natureza, a partir de desenhos de 05 crianças das turmas multissérie pré 1 e pré 2.

Para Goldberg *et al.* (2005), o desenho da criança é um objeto emergido do imaginário, do percebido e do real. Como jogo de encontro e combinação desses três elementos, o desenho torna-se objeto de investigação na exploração dos modos de pensar da criança sobre a natureza. Elas expressam seus entendimentos de diferentes formas. Nesse sentido, os desenhos e as entrevistas feitas com as crianças, deu origem a criação de respostas analisadas por nós, sendo elas: (I) Natureza como abrigo; (II) Natureza e cuidado e (III) Natureza como espaço do brincar.

Foi a partir do roteiro de entrevista que se deu encaminhamento para a produção de desenhos das crianças sobre o que eles entendem da natureza. Uma pergunta inicial foi “O que é a natureza?”. Nesse foco, as crianças descreveram a natureza como sendo as árvores, a água, os animais, insetos, o formigueiro, como um lugar livre que oportuniza diversão e aprendizado, mas também que deve ser cuidado nos elementos que a compõe. Pensamos que levaram em conta o que aprendem na escola e reconhecem a natureza com importância para sua existência e a sobrevivência da comunidade. A identificaram como sendo uma espécie de casa em que abriga algo, desse mesmo modo ela tem o pertencimento por isso que ela cuida, brinca e enfeita o desenho representando o significado atribuído.

• *Natureza como abrigo*

Natureza como abrigo foi nomeada a partir do desenho de uma menina, de 04 anos. Compreendemos que a criança representou a natureza como um ambiente onde predomina árvores, água, plantas, animais, insetos. Essa expressão subjetiva da criança diz respeito ao que ela imagina, compreende ser a natureza, como um lugar que ela sabe que existe e que vê agradável para explorar, cuidar e brincar. Segue abaixo o desenho em que a menina representa o que é natureza.

Desenho 1- Maria Clara, 4 anos (2023).



Fonte: Acervo da autora (2023).

No desenho é enfatizado os elementos da natureza, com destaque também a descrição da menina, com as árvores e os animais. Portanto, a natureza é um lugar de diversidade que abriga os vegetais, os seres não vivos como água, abriga animais como a *formiga Rei* e a *vaquinha pequena*, vivendo relação mútua no mesmo ambiente. O desenho foi assim descrito pela menina: *natureza é os animais, árvores grande e pequena, um formigueiro (formiga rei) por cima das formigas tem duas árvores, tem muitos animais fofinhos e eu gosto muito da vaquinha pequena.*

• *Natureza e cuidado*

Acerca da natureza e cuidado, as crianças se referiram ao ato de cuidar. No desenho da criança por meio de objetos e do que gosta de fazer em sua casa que é cuidar das plantas. Durante idas e vindas na comunidade é perceptível que a comunidade se preocupa com a questão do cuidado para com a natureza, pode-se dizer pelo local ser um atrativo turístico e o cuidado estar em apresentar a comunidade sem resíduos nas ruas, com arborização e sem muita devastação. Nesse sentido, o município o poder público contribui com a coleta de lixo, fazendo

com que a comunidade não descarte em locais impróprios. E as crianças em nenhum momento citam o lixo em seus desenhos, mas na escola a professora dialoga sobre o cuidado que devem ter a respeito do descarte do lixo, elas orientam para não jogar lixo no chão, nos rios, de coletar e ter o cuidado com a natureza. A seguir segue o desenho de um menino de 5 anos que relacionou a natureza ao cuidado, no que faz em sua casa, ao regar as plantas.

Desenho 2 – Hernan Gabriel, 5 anos (2023).



Fonte: Acervo da autora (2023).

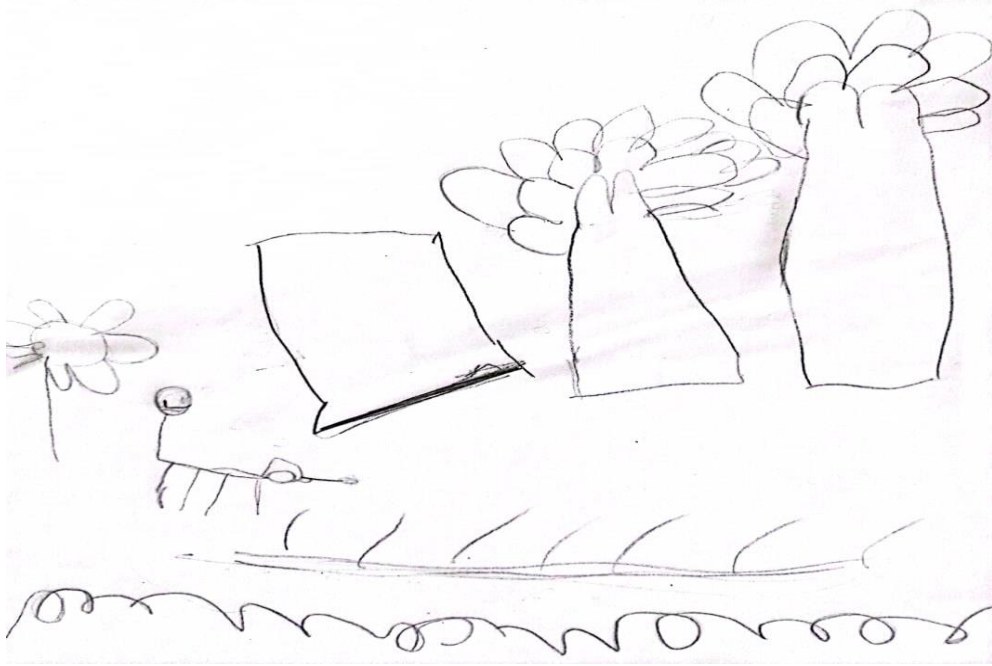
No desenho 2 do menino de 5 anos, aparece elementos como consta no outro desenho mencionado, a árvore, o arco-íris, porém traz como destaque a água representado pela criança através de um regador e riscos pintados de azul.

A sua fala e seu desenho foram assim descritos: *eu aprendo cuidar dos animais, das plantas e em casa eu rego as plantas com a mamãe*. Podemos dizer que trata de um saber que pode ter sido aprendido na escola ou em casa, até porque afirma ajudar na tarefa de cuidar das plantas regando-as. Outrossim, passa a ideia de que as plantas também precisam de água como os seres humanos.

- *Natureza como espaço do Brincar*

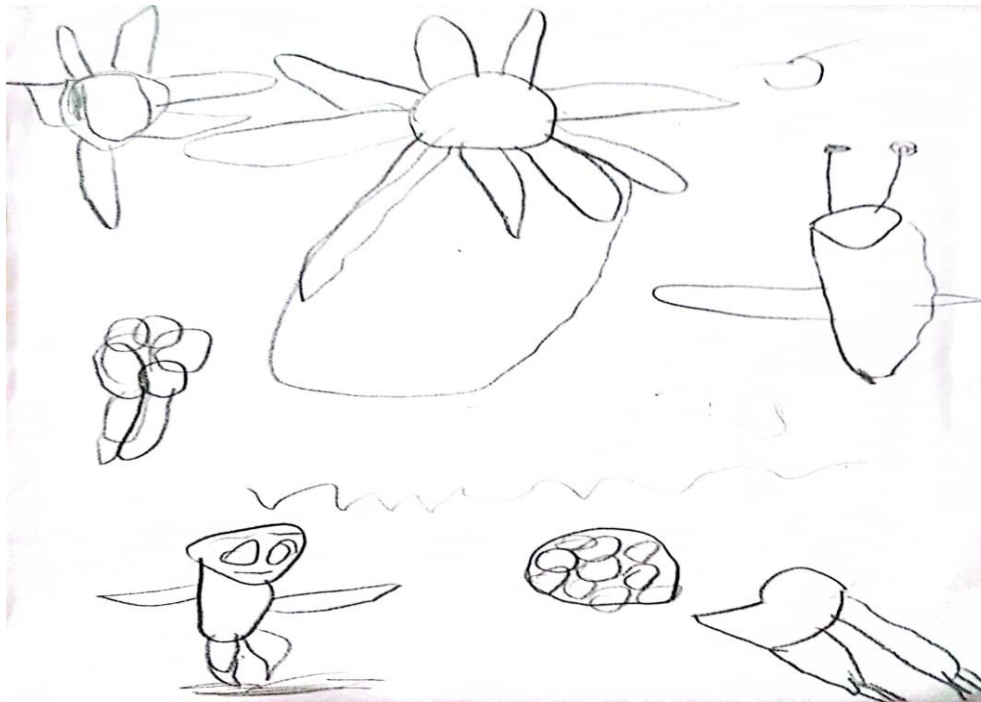
A *Natureza como espaço do Brincar* foi denominada a partir de três crianças que apontam como vínculo principal, a brincadeira, assim reconhecem no espaço natural o lugar também para suas brincadeiras, e com os elementos que a natureza oferece. E para demonstrar trazemos a representação feita por três crianças.

Desenho 3 – Lauriane, 5 anos (2023).



Fonte: Acervo da autora (2023).

Desenho 4 - João Thomás, 5 anos (2023).



Fonte: Acervo da autora (2023).
Desenho 5 - Marcelo 5 anos (2023).



Fonte: Acervo da autora (2023).

Os desenhos (3, 4 e 5) foram feitos após algumas perguntas, sendo: o que mais gosta de fazer na natureza? E como brincam? Eis as respostas:

Menina de 5 anos: *eu gosto de brincar; brinco fazendo comidinha com mato, terra, escalar árvore, me balançando em um balanço feito de pau e fio.*

Menino de 5 anos: *gosto de brincar; correr no quintal, fazer pizza de terra.*

Menino de 5 anos: *gosto de brincar; de bola, pira esconde, pira pega.*

E para descreverem suas respostas realizaram os desenhos, no desenho 3 está reproduzido elementos naturais encontrados ou não na natureza e usado na brincadeira pela criança: árvore, terra, mato, pau e fio.

O desenho 4, traz praticamente os mesmos elementos, mais faz menção ao que gosta de brincar na natureza, pelo desenho estar correndo no quintal e de uma pizza feita de terra. O último desenho 5, enfoca traços simples de elementos da natureza como animais e a planta, para complementar em sua brincadeira ilustra uma bola.

Na natureza, nos quintais de suas casas as brincadeiras são as mais variadas que vão desde se esconderem atrás das árvores, balançar nos galhos, em um balanço de pau e corda, brincam com água, terra, folha, gravetos, ou seja, são vivências diversas de aproveitar junto a sua infância o sabor e o saber do convívio com a natureza. A Natureza como espaço do brincar, vemos que as crianças compreendem a natureza que a ajuda na sua diversão, na sua corporeidade e ludicidade, nas suas brincadeiras nos ambientes como do quintal, da escola, praia, igarapé, floresta, além do uso de elementos que podem ser encontrados para fomentar suas brincadeiras.

As concepções evidenciadas pelas crianças acerca da natureza em suas falas e em seus desenhos demonstraram uma relação para além de pertencimento diz respeito ao desenvolvimento das mesmas no sentido de que compreendem e fazem uso da natureza a partir de elementos que a embelezam, de seu corpo na natureza como o fazer brincante. Entendem de maneira aproximada com a natureza pelo que sentem, percebem, comem, caminham, veem, introduzindo assim seus simbolismos construídos a partir dos ambientes nos quais são ocupados e vivenciados por elas, realizando atividades que buscam fazer essa conexão com o ambiente natural.

A partir dos traçados dos desenhos pode-se observar detalhes que as crianças criam internamente por traços contínuos, paralelos que representam a personalidade que respeita o ambiente e que contribui no seu bem viver. Os desenhos fazem menções a determinados valores: respeito, humildade, amor... que são divulgados, propostos pelos adultos em práticas que estão sendo realizadas na escola, na família e na comunidade.

As crianças descreveram nos desenhos, a natureza como algo da sua realidade abrigo, cuidado, espaço de brincar, os elementos dentre outros. Portanto, consideram a natureza conectada aos seus contextos familiares, cultural, social. Esses contextos se tornam importantes no sentido de contribuir com a proximidade e a efetividade na e com a natureza, as crianças já percebem a natureza como útil e importante para a sobrevivência dos seus seres e espaços por isso cuidam, se divertem, e se colocam como pertencentes desse contexto natural e se conectam com ele.

Neste capítulo II, a ênfase recaiu nos resultados da pesquisa, iniciando pelo contexto da escola em suas práticas e estrutura, além das observações, entrevistas com os envolvidos na pesquisa, no tocante a natureza e as práticas educativas sob o olhar dos adultos e das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo educativo é único para cada criança no âmbito escolar e na comunidade, porém ganha particularidade com base no contexto, nesse caso vimos a de uma comunidade do campo, no Marajó. Vimos o contexto educativo dentro de uma escola de educação do campo na Amazônia Paraense, cuja característica também retrata o meio em que vive. Assim, o estudo enveredou pelo cotidiano das crianças na escola e na comunidade em interlocuções com a natureza amazônica.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida na Escola Recreio do Passarinhos na comunidade Água Boa, município de Salvaterra, Marajó-PA, com o objetivo de investigar a prática educativa na Educação Infantil do e no campo em interface com a criança e a natureza. Nos conduzimos para entender como educadores e crianças se relacionam com o ambiente natural na comunidade em que situa a escola e onde vive as crianças. Vale dizer que partimos da visão que a comunidade tem um vasto cenário paisagístico, marajoara, cultural de fácil acesso e que podem ser inseridos nas atividades escolares.

Dito os objetivos, passamos a alguns processos e apontamentos. Foi perceptível que existe concretamente uma interação da criança com a natureza, assim desde antes da escola as crianças iniciam seus aprendizados ecológicos e de convivência com esta. Elas, têm tempo e quintais para brincar ou praticam no quintal do colega. Há outras práticas dessa natureza que constam neste trabalho, e talvez, impulsionado por tais práticas faz com que na escola, tal exercício seja vivido também e relevante na aprendizagem. Ou seja, na proposta das professoras é incluído a natureza como tarefa pedagógica e da ambientação escolar, encaminhando para um desemparedamento das crianças da sala de aula.

No entanto a ausência da natureza pode afetar diretamente a vida das crianças, pois ocorrerá a precarização ou a ausência de experiências com os ambientes e recursos naturais essenciais à vida humana e dos demais seres do planeta; o que no caso das crianças que vivem no campo ganham em percepções e no acúmulo histórico por esta realidade de estreitamento com os espaços do campo, e que se distancia dos espaços das grandes cidades.

Por meio das observações *in loco*, foi possível perceber que a escola acolhe os costumes que a comunidade vive, considerando a cultura local em muitos aspectos tais como religiosos, sociais, econômicos, culturais, tradicionais entre outros. Esta interação é importante, pois faz com que a criança tenha o contato com a sua história, aprender da tradição dos antepassados, assim a escola tece um elo entre aprender-e-ensinar significativo, natural, enraizado nos saberes da comunidade, a conviver com a natureza praticando e a ser aprendendo com o outro. Nesse contexto, de as crianças terem contato com a cultura local, familiar e a natureza Pojo *et al.* (2023) assim afirma [...] é comum as crianças verem seus pais saírem cedo para trabalhar nas roças, hortas, ou até mesmo nos quintais, o que já se pode afirmar que é o início do aprendizado delas sobre a cultura e as tradições daquele lugar que são parte da natureza (Pojo *et al.*, 2023, p. 15).

O fato é que as crianças mantêm contato com o meio natural dentro e fora da escola. Tais sujeitos circulam na comunidade, e durante a pesquisa pudemos constatar as crianças fazerem usos de elementos da natureza para o brincar, ou na escola, com a horta montada por crianças e funcionários bem como das hortas existentes em suas casas, sendo frutificada por meio da alimentação com frutas, sucos, verduras aproveitadas. Ainda, as crianças se movimentam no cotidiano de forma significativa, com o olhar e intrometer-se nas atividades de seus pais que pescam, plantam, coletam frutos para sua subsistência.

Precisamente, na EMEI Recreio dos Passarinhos o direito à natureza pelas crianças é contemplado na pedagogia infantil da mesma, obviamente, que precisa de maiores reflexões e ajustes à prática educativa. Mas, é fato que as questões ambientais e sociais da comunidade escolar e da comunidade de Água Boa são parte dos conteúdos escolares. Por isso, vale ressaltar que a escola vem acumulando aprendizados sobre a natureza amazônica e marajoara bem como levando as crianças a experimentarem o convívio com a natureza fora da escola, que educa a todos, inclusive, os educadores. Nesse sentido, pela prática educativa efetiva de tematizar a natureza dentro e fora do ambiente escolar, as crianças vivenciam uma relação orgânica e prazerosa com a natureza.

Também, cabe pontuar que apesar de termos as diretrizes da Educação Infantil, da Educação do campo e pontuações legais para a Educação Infantil do Campo, ainda faltam de efetivações quanto a políticas públicas locais, no sentido dos moradores da Amazônia Paraense terem uma educação básica de qualidade.

No âmbito da comunidade Água Boa, onde realizamos este estudo ainda se presencia falhas curriculares, pedagógicas e da ordem das políticas públicas educacionais eficientes que possam contribuir para uma educação de qualidade. Faltam, detidamente, mais investimentos

na educação, assim subscrevo minha crítica quanto a desvalorização da educação básica, principalmente na EI, que é a base para os demais níveis educacionais.

Conclui-se, que valorizar as crianças em suas infâncias do campo situadas nas propostas curriculares locais, é imprescindível, para reconhecê-las como sujeitos sociais, para passarmos a incluir os saberes locais nos seus processos formativos, visto que tais elementos do cotidiano contribuem na e com sua formação cultural, social e humana. Portanto, valorizar as culturas infantis pelas vozes, mãos, jeitos e formas brincantes e lúdicas é contribuir para a valorização e a garantia do direito de ser criança e ter identidade de sujeito do campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel G. **Prefácio: Escola de direito.** In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; HAGE, Salomão M. (Org.). *Escola de direito: reinventando a escola multisseriada.* Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 9-14.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Fotografar, documentar, dizer com a imagem. Caderno de antropologia e imagem,* Rio de Janeiro, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Revisão Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: CNE, MEC 2009.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96.** Brasília, 1996.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Brasília: Resolução CNE/CEB nº1, de 3 abr. 2002.
- BRASIL. **Lei nº 11.274, 6 de fevereiro de 2006.** Diário oficial da União, Brasília, 7 fev. 2006.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação.** Brasília: MEC, SEB, 2006.
- BRASIL. **Educação Infantil do Campo. Proposta para a expansão da política.** Brasília, março de 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.
- DIDONET, Vital. **Importância da Educação Infantil.** In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: Construindo o presente, 2003, Brasília. Anais. A importância da Educação Infantil nos primeiros anos de vida. Brasília: UNESCO Brasil, 2003, p.83-97.
- DIDONET, Vital. *Creche: a que veio... para onde vai...* In: *Educação Infantil: a creche um bom começo/, Enfoque- Qual é a questão? Em aberto,* Brasília v.18, n.73, p.11-27, jul. 2001.
- DOCUMENTO CURRICULAR DO ESTADO DO PARÁ: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Belém: Pará, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREITAS, Maria Natalina Mendes *et al.* *Realidade e desafios da Educação Infantil do campo na Amazônia Paraense. Perspectiva,* v.37, n.34, p.768-789, Florianópolis, out./dez. 2019.
- GOLDBERG, Luciane Germano; YUNES, Maria Angela Mattar; FREITAS José Vicente de. *O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. Psicologia em estudo,* v. 10, n.1, p.97-106, 2005.
- HAGE, Salomão Antonio Mufarrej.; BARROS, Oscar. *Currículo e Educação do Campo na Amazônia: referências para o debate sobre a multisseriação na escola do campo. Espaço do Currículo,* v. 3, n.1, p.348-362, março de 2010 a setembro de 2010.

- KRAMER, Sonia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e Fundamental. **Educ. Soc.**, Campinas, v.27, n.96 – Especial, p.797-818, out. 2006.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, Companhia das letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem-Viver**. Rio de Janeiro: Organização Bruno Maia, 2020.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de S. **Pesquisa social: Teoria Método e Criatividade**. Petrópolis: vozes, 2012.
- NEVES, Joana D'arc; BRASILEIRO, Tania. Territorialidades Amazônicas: Sentidos e Produção de Conhecimentos e os desafios da formação de professores no contexto atual. **Humanidades e Inovação**. Palmas, v.7, n.15, p.20-31, jun. 2020.
- OLIVEIRA, Lorena Maria Mourão de; HAGE, Salomão Antonio Mufarrej. A socioterritorialidade da Amazônia e as políticas de educação do campo. **Ver a Educação**, v. 12, n. 1, p. 141-158, jan./jun. 2011.
- PACHECO, Agenor Sarraf. Cosmologias afroindígenas na Amazônia marajoara. **Projeto História**. São Paulo, n. 44, jun. 2012, p. 197-226.
- PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **Currículo e seus significados para os sujeitos de uma escola ribeirinha multisseriada do Município de Cameté – Pará**. Dissertação (Mestrado em Educação) Belém 2009.
- POJO, Eliana Campos; VILHENA, Maria de Nazaré. A educação do campo no contexto das ilhas Belenenses: práticas e concepções educativas. **Revista Maré**: Ed. nº1, 2016.
- POJO, Eliana Campos Toutonge; SILVA, Waléria Oliveira. **O amor das crianças pela natureza amazônica na comunidade Camurituba Beira, Abaetetuba-PA**. Recurso eletrônico, Abaetetuba: edição das autoras, 2023.
- POJO, Eliana Campos Toutonge *et al.* Crianças e infâncias em territórios quilombolas na Amazônia paraense. **Educação em Revista**, Marília, v.24, n. 01, p. 51-68, 2023.
- PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO 2015-2025. **Lei 1183/2025 de 10 de junho de 2015**. Salvaterra, 2015.
- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO da Escola Municipal de Ensino Infantil Recreio dos Passarinhos, Salvaterra, 2022.
- SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline. **Orientações curriculares para a educação infantil do campo**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, Belo Horizonte, novembro de 2010.
- TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.44, n.2, 2019.

TIRIBA, Léa. **Crianças da Natureza**. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectiva Atuais, novembro, 2010.

TIRIBA, Léa. **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. Rio de Janeiro: Alana, 2018.



APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS-FAECS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Prezado (a) Responsável da Instituição,

Por meio deste documento informo a realização da Pesquisa de Campo com o tema: A Educação Infantil do e no Campo: a Natureza como prática educativa no Marajó. Sob responsabilidade da aluna ROSANE DA CRUZ RABELO da turma de Licenciatura em Pedagogia/UFPA/Campus Universitário de Abaetetuba/Polo-Soure, matrícula 201881240008, para tal a pesquisa focaliza aspectos legais nas esferas federal, estadual e municipal visando a aprendizagem de aspectos normativos e educacionais com base em atos e normas legais situados em documentos oficiais referente a Educação Básica. Por isso, peço que seja autorizado a estudante o registro de imagens, de espaços, sujeitos e/ou mobiliários, com fins de estudo da realidade escolar, sendo estes utilizados com a devida atenção e zelo acadêmico. Inclusive, com destaque para que o responsável da instituição acorde a devolutiva das imagens junto da estudante.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo formativo da estudante de Pedagogia. Em caso de dúvida, você pode entrar em contato pelo telefone: (91) 984939239 ou pelo e-mail: elianapojo@ufpa.br

Atenciosamente,

Prof. Eliana C. P. Toutonge
FAECS/Campus de Abaetetuba/UFPA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Vimos por meio deste termo solicitar sua colaboração para registrarmos através de áudio, vídeo ou fotografia as atividades por você desenvolvidas em seu local de trabalho ou para fornecer documentos oficiais como relatórios ou mesmo entrevista, relacionados à prática de ensino que você desenvolve. Solicitamos, também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos da área da educação. Por ocasião da publicação das informações, tendo a sua identidade disponibilizada ou não, isso mediante sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para o seu trabalho ou vida social ou pessoal. Esta atividade de observação e levantamentos de dados faz parte da pesquisa para o TCC - Trabalho de Conclusão de Curso que tem como tema: A Educação Infantil do e no Campo: a Natureza como prática educativa no Marajó. E está sendo desenvolvida pela aluna ROSANE DA CRUZ RABELO, matrícula 201881240008, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA – Abaetetuba/Polo Soure), turma 2018, sob a orientação da Prof.^a Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge (UFPA). A direção da sua escola/creche está ciente e autorizou a realização desta atividade.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Eliana C. P. Toutonge
FAECS/Campus de Abaetetuba/UFPA

Rosane da Cruz Rabelo
Estudante de Pedagogia-Formanda

Participante da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS
 CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Responsável ou Coordenador (a) Pedagógico (a),

Solicitamos que a discente ROSANE DA CRUZ RABELO, matrícula 201881240008, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Abaetetuba/Polo Soure, possa efetivar pesquisa de campo nesta instituição de ensino, contamos com sua colaboração em conceder entrevista, que faz parte da atividade de pesquisa de campo para Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, com o tema: A Educação Infantil do e no Campo: a Natureza como prática educativa no Marajó. Orientado pela Prof.^a Dr.^a Eliana Campos Pojo Toutonge (UFPA). Solicitamos também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em atividades/documentos científicos na área da educação. Por ocasião da publicação das informações, tendo a sua identidade disponibilizada ou não, isso mediante sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para o seu trabalho ou vida social ou pessoal. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a).

Atenciosamente,

Prof.^a Dra Eliana C. P. Toutonge
 FAECS/Campus de Abaetetuba/UFPA

 Rosane da Cruz Rabelo
 Estudante de Pedagogia-Formanda

 Participante da Pesquisa ou
 Responsável legal da Instituição

APÊNDICE A - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO (ESCOLA)

- INTEGRAÇÃO COM OS SUJEITOS E COM AS PESSOAS DA ESCOLA (LÓCUS DA PESQUISA), OBSERVAÇÕES DO ESPAÇO EXTERNO/INTERNO;
- (SALA DE AULA - DESCRIÇÃO DO AMBIENTE A SER INVESTIGADO);
- COMO É O ESPAÇO DA SALA DE AULA, TEM DESENHOS (ÁRVORES), CLARIDADE-LUZ DA SALA DE AULA NATURAL;
- QUE MOMENTO A PROFESSORA PROPORCIONA O CONTATO COM A NATUREZA;
- O QUE A CRIANÇA VERBALIZA SOBRE A NATUREZA;
- OBSERVAÇÃO DAS PRÁTICAS EFETIVADAS NA ESCOLA, MOMENTO DE RECREAÇÃO, MOMENTO DE DIÁLOGO;
- TEMAS ABORDADOS, DISCUTE A QUESTÃO DA NATUREZA.

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA DO DESENHO INFANTIL.
ENCAMINHAMENTO PARA PRODUÇÃO DE DESENHOS DAS CRIANÇAS
O QUE ELAS ENTENDEM DA NATUREZA**

QUESTÕES:

- Através do desenho o que é a natureza?
- Em casa o que tem da natureza?
- Na escola o que aprende sobre a natureza?
- O que mais gosta de fazer, como brinca na natureza?

**APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS
ADULTOS
(Professora da turma multisseriada e Responsável da escola)**

QUESTÕES:

- O que se entende sobre natureza?
- Qual a relação com a natureza?
- A natureza como prática educativa/ o que se entende – como ocorre?
- Qual a importância da relação criança e natureza?
- O currículo é pensado para uma escola do campo?
- A participação das famílias na escola e nas atividades das crianças?